



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**A CONCEPÇÃO DE SUBJETIVIDADE DOS PROFESSORES NO PROCESSO DE  
APRENDIZAGEM ESCOLAR DOS ALUNOS**

**RAISSA SILVA PAULINO**

BRASÍLIA  
JULHO/2015

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**RAISSA SILVA PAULINO**

**A CONCEPÇÃO DE SUBJETIVIDADE DOS PROFESSORES NO PROCESSO DE  
APRENDIZAGEM ESCOLAR DOS ALUNOS**

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dra. Teresa Cristina Siqueira Cerqueira.

**BRASÍLIA  
JULHO/2015**

PAULINO, Raissa Silva

A Concepção de Subjetividade dos Professores no  
Processo de Aprendizagem Escolar dos Alunos/ Raissa Silva  
Paulino – Brasília, 2015.

57 f.

Monografia [Graduação em Pedagogia] – Universidade de  
Brasília, 2015.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Teresa Cristina Siqueira  
Cerqueira

1. Desenvolvimento
2. Aprendizagem
3. Subjetividade
4. Suieito

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

RAISSA SILVA PAULINO

### **A CONCEPÇÃO DE SUBJETIVIDADE DOS PROFESSORES NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM ESCOLAR DOS ALUNOS**

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dra. Teresa Cristina Siqueira Cerqueira.

#### **Banca Examinadora**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Teresa Cristina Siqueira Cerqueira (orientadora)

Universidade de Brasília – Faculdade de Educação

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sônia Marize Salles Carvalho

Universidade de Brasília – Faculdade de Educação

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria do Amparo de Sousa

Universidade de Brasília – Faculdade de Educação

### **Dedicatória:**

Dedico este trabalho em primeiro lugar a quem acredito que sempre, e em todos os momentos esteve comigo, Deus. Também a todos que me ajudaram e auxiliaram pacientemente na elaboração dessa pesquisa, especialmente ao meu namorado Hítalo, que com toda paciência e amor sempre esteve ao meu lado. E também a minha Família, meu suporte em tudo, que esteve me apoiando em todos os momentos.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço infinitamente a Deus por tudo o que tem feito em minha vida e por ter conseguido chegar até aqui. Agradeço a todos os que de alguma forma também contribuíram para que conseguisse realizar esse trabalho. A escola que com toda boa vontade e simpatia abriu suas portas para que eu conseguisse realizar a pesquisa.

Agradeço a minha professora orientadora Doutora Teresa Cristina Siqueira Cerqueira, por ter tido toda boa vontade e paciência para me orientar nesse trabalho. Que desde quando a encontrei sempre me ajudou, abrindo caminhos para que eu pudesse compreender e ter contato sobre pesquisa com os PIBICS e a disciplinas.

Agradeço ao meu namorado e amigo Hítalo Dias que com grande empenho, paciência e dedicação, me ajudou nesse trabalho e em todo o decorrer do meu curso, com as matérias e várias formatações de trabalhos e seminários. E também a sua família que nesse ano amparou a mim e meu irmão depois da transferência dos meus pais.

Finalmente agradeço a minha Família, meus pais que sempre acreditaram em mim, em todos os momentos estiveram comigo, apoiando e fazendo de tudo para que eu pudesse estar aqui terminando esse trabalho. Principalmente esse ano que, por ser militar meu pai foi transferido para tão longe. Mesmo assim eles com todo empenho e dedicação de todas as formas possíveis sempre estiveram atentos e ajudaram em minha caminhada até aqui. Por fim ao meu irmão Thiago que acabou por ser meu companheiro de casa e sempre me ajudou apoiando na realização desta monografia.

Agradeço às professoras Sônia Marize e Maria do Amparo, pela participação nesse momento tão importante para minha formação. Muito obrigada pela ilustre presença na minha banca examinadora.

Enfim agradeço aos amigos e colegas que estiveram sempre me apoiando na caminhada até aqui. Que Deus recompense a cada um infinitamente.

## APRESENTAÇÃO

O presente trabalho se encontra estruturado da seguinte maneira:

- 1) Memorial: essa parte do trabalho narra um pouco da minha trajetória acadêmica, de quando entrei na escola de educação básica, até chegar na educação superior e a finalização do curso com a monografia.
  
- 2) Monografia: é a principal parte da, abordando a Introdução, o Referencial Teórico, os Procedimentos Metodológicos, a Análise e Interpretação dos Resultados e, por fim, as Considerações Finais.
  
- 3) Perspectivas Profissionais: esse espaço é destinado para a apresentação das minhas reflexões sobre planos, ideias e projetos voltados para o meu futuro profissional, após a conclusão do curso de Pedagogia.

## **Sumário**

<b>TERMO DE APROVAÇÃO</b> .....	4
Banca Examinadora.....	4
Dedicatória.....	5
<b>MOMENTO I</b> .....	10
<b>MEMORIAL</b> .....	10
1.1 Aprendizagem Escolar .....	21
1.2 Aprendizagem Significativa.....	25
1.3 O Sujeito que Aprende e o Sujeito que Ensina .....	28
<b>CAPITULO 2</b> .....	30
<b>TEORIA DA SUBJETIVIDADE SOB UMA PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL</b> .....	30
2.1 A Subjetividade.....	30
2.2 Sentido Subjetivo, Configurações Subjetivas e Sujeito .....	32
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	36
<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	36
Contexto da Pesquisa .....	36
Participantes .....	37
Instrumento .....	38
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	39
Análise e Interpretação dos Resultados.....	39
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	54

**PAULINO, Raissa Silva. A concepção de subjetividade dos professores no processo de aprendizagem escolar dos alunos.** Brasília: Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Julho, 2015.



## RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso tem por objetivo principal analisar como os professores concebem a subjetividade de seus alunos no processo de aprendizagem escolar. E como objetivos específicos verificar como os professores consideram a subjetividade no processo da aprendizagem dos alunos em sua prática pedagógica e também investigar como os professores planejam sua prática pedagógica para um aprendizado significativo de seus alunos. A pesquisa foi realizada com dez (10) professores de uma escola Pública do Distrito Federal, localizada em uma Vila Militar. A pesquisa possui abordagem qualitativa, constituindo um estudo de campo cujo caráter é o exploratório qualitativo. Para a obtenção das informações, foram analisados 10 questionários respondidos pelos professores de uma escola pública do Distrito Federal. As informações obtidas pelos questionários foram dispostas em 4 categorias, criadas a *priori* conforme os procedimentos de análise. Cada categoria refere-se a uma pergunta do questionário e envolve diversos termos que foram agrupados em classes conforme a relação semântica entre as respostas dos participantes. Como resultados apontados a partir da análise e discussão das categorias verificou-se que os professores tem noção a respeito do que seja subjetividade, que ela é importante em suas práticas pedagógicas no sentido de melhor atentar para as diferentes formas de aprendizagem dos alunos, para que essa aprendizagem seja significativa. Mas na prática esses professores não consideram essa subjetividade uma vez que na hora de verificar a aprendizagem dos alunos, eles ainda fazem uso das avaliações formais como as provas fechadas onde os alunos precisam decorar conceitos para mostrar se aprenderam ou não o conteúdo dado. Assim conclui-se que faz-se importante que os professores, sujeitos principais da mediação entre o ensino e a aprendizagem na escola, tenham consciência da importância que é considerar a subjetividade de seus alunos em suas aulas. Para auxiliar na vivência e experiências desses alunos, para que esses alunos se constituam como verdadeiros sujeitos ativos e reflexivos do lugar onde estão.

**Palavras-chave:** Desenvolvimento; Aprendizagem; Subjetividade; Sujeito.

## **MOMENTO I**

### **MEMORIAL**

Ao final do meu nono e último semestre do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, fazendo este memorial penso sobre mim como sendo a pessoa que hoje sou, mais ativa, mais reflexiva, que sabe que é constituída pela sociedade que vive, mas que também pode ajudar a constituir essa sociedade.

Foi com minha entrada na UnB que comecei a me perceber mais como sujeito da minha própria vida. No sentido de que antes me via mais como alguém que fazia as coisas porque precisa fazer. Estudava porque era obrigada a estudar, e todo o resto da minha vida girava em volta disso, eu acordava porque precisava ir à escola, e todo o resto das minhas atividades feitas durante o dia era em prol da escola e dos estudos. Parecia que fazia as coisas básicas da vida por um único motivo, ir à escola e passar de ano. Não lembro nunca de ouvir ninguém me dizer por que eu deveria passar de ano na escola sempre, só ouvia coisas do tipo “é importante você passar para ser alguém na vida”, “escola é importante porque você vai precisar de um trabalho para viver quando crescer”. Bom é fato que essas razões são verdadeiras, e que não podem ser negadas por ninguém jamais. Na sociedade em que vivemos uma pessoa desde a sua mais tenra idade já vai para escola, aprender a ler a escrever, aprender normas da sociedade em que está inserida e socializar.

No entanto eu não via muito sentido nessas justificativas. Hoje eu sei bem a importância da escola na vida das pessoas, mas quando criança e durante toda minha educação básica, ir a escola era apenas uma obrigação, que muitas vezes era bem ruim, cansativo e estressante. Achava que não aprendia nada e que aquilo não acrescentava muita coisa na minha vida, a não ser quando aprendi a ler e fazer contas, porque isso está visivelmente presente em nosso cotidiano.

Sempre penso na frase popular que diz “desde que me conheço por gente”, penso o quanto essa frase é permeada de sentidos e significados, para mim ela é totalmente cabível quando falo de meus anos iniciais. Desde que me conheço por gente eu estou em uma escola, todos os dias a mesma coisa, acordava cedo, tomava banho, me vestia, penteava os cabelos, comia algo e saía para a escola, como é a realidade de muitas pessoas.

Lembro-me dos meus anos iniciais, ah aqueles anos, os melhores anos escolares de minha vida, na educação básica, acho que o de muitas pessoas também. Nos anos iniciais da

educação básica, tudo é descoberta, os coleguinhas de sala que vão nos acompanhar o ano inteiro, as professoras, as minhas em específico, que no geral eram sempre muito amorosas, a folha de papel que serve para rabiscar nesse momento, rabiscar a mãe, o pai, a tia, mesmo que essa mãe, pai e tia na folha rabiscada não tenham a mais leve semelhança com os originais. Descobrir o giz de cera também, a cola que gruda os dedos, a massinha que pode ser amassada, e quando a professora pega a massinha e mostra que é possível fazer uma bola com ela, nossa é uma festa, daí começam as tentativas de transformar a massinha amassada em uma bola como a da professora, até conseguir chegar perto de uma bola demora tempo e exige muito esforço das pequenas mãos e muita coordenação motora.

A saída da educação infantil é marcada pela descoberta de alguns símbolos que a professora chama de letra. Daí aprender que se juntar uma letra com outra formava uma palavra, daí juntar uma palavra com outra para formar uma frase e juntar uma frase com outra para então assim formar parágrafos e juntar parágrafos com outros para então formar textos. Ufa! Quanta coisa, de aprender a fazer uma bolinha com massinha de modelar até ler um texto inteiro, foi um salto na minha aprendizagem.

Lembro-me de que minha mãe sempre repetia “aprender a ler é importante”, no começo de minha alfabetização ela achou conveniente que além de aprender a ler na escola eu deveria aprender a ler em um reforço escolar, porque afinal, aprender a ler era muito importante! Aprender a ler pra mim não foi muito dificultoso, minha mãe além de me colocar em um reforço escolar, para aprender a ler direitinho e no tempo certo, lia muito para mim e meu irmão. Ela sempre foi uma pessoa que lia muito, todos os dias, seu livro preferido era a bíblia. Minha mãe era, e ainda é, aquela pessoa que lê em voz alta, mas a maneira que ela lê é tão boa que parece que ela sempre está contando uma história, é impossível não gostar de ouvir. Então ela sempre incentivava para que eu lesse os livros da escola e outro que tinha em casa. Sem falar na casa da minha avó, eu sempre fui uma criança muito curiosa, às vezes até demais e na casa da minha avó tinha um lugar onde tinham três estantes de ferro grandes, que tinham muitos livros e revistas, em sua grande maioria coisas velhas. Esse lugar era um dos meus espaços preferidos para brincar, sempre que ia lá ao fim de semana, corria para o segundo andar, onde ficavam essas estantes e começava a procurar qual livro iria pegar dessa vez. Assim lembro-me de ter aprendido a ler rápido e bem. Acho até que por isso interpretar textos pra mim nunca foi uma tarefa difícil.

O outro marco, e acho que o segundo mais importante, da minha trajetória acadêmica, eu diria que foi bom, mas foi difícil. Lembro-me como se tivesse sido ontem de na minha sexta série do ensino fundamental quando já estava a um mês de aula, meu pai chegou do

trabalho com um monte de fardas, estranhas que eu nunca tinha visto e falou: “Raissa, você vai fazer uma prova para estudar no Colégio Militar de Fortaleza”. Todo mundo sempre dizia que o Colégio Militar era uma ótima escola, então claro nem pensei duas vezes, fui fazer a prova para estudar lá. Lembro que não sabia responder metade da prova, eram assuntos que eu nem havia visto ainda, que ia estudar na série em que eu estava a um mês de aula. Mas a prova não era eliminatória, no entanto fiquei de recuperação no primeiro bimestre, nem sabia que isso era possível, mas fiquei. Minha entrada no CMF mudou minha vida totalmente, não só acadêmica, como também minha rotina e até mesmo, passei a morar em duas casas, passava os dias inteiros na casa de minha avó, pois era mais perto do colégio, e no fim da noite, voltava para minha casa mesmo.

O primeiro bimestre foi muito complicado, pois tinha perdido mais da metade do bimestre e várias provas, que não pude fazer, e mesmo assim contaram no fim do bimestre para compor minhas notas, ou seja, eu tinha vários zeros em provas que nem havia tido a oportunidade de fazer. A partir daí meu ano escolar foi desastroso, minhas notas muito baixas no primeiro bimestre só serviram como uma pequena bola de neve que foi descendo e juntando com os outros bimestres, e ficando maior e maior. Ao fim do ano, eu tinha ficado de recuperação final em 4 matérias, estudei muito, e passei em três delas, mas não passei no que ia se tornar o terror da minha vida escolar, a famosa matemática. Assim, como resultado disso eu reprovei de ano.

Quando repeti o ano fui chamada a SOE do colégio, onde a psicopedagoga me falou palavras que eu nunca vou esquecer, “Não tem problema você ter repetido de ano, você entrou no final do primeiro bimestre, perdeu muitas coisas, nunca ia conseguir acompanhar o resto da turma, repetindo você vai ter base para uma boa sétima série”, para mim foram uma das palavras mais duras que eu havia escutado na vida, mas segui na minha segunda sexta série, e passei sem quase nenhum problema. Essa época da minha vida não foi nada fácil devo confessar, eu era uma criança, começando a adolescência, e descobrindo que a escola tinha deixado de ser aquela coisa de criança, com leituras e continhas fáceis e passado a ser algo complicado em todos os sentidos da minha vida. Desde a rotina de estudo até a rotina do dia-a-dia da minha vida fora da escola. Mas claro o que descrevo aqui vale para minha experiência, algo pessoal e subjetivo.

Outro fato que mudou minha trajetória escolar foi quando meu pai foi transferido de cidade, eu morava em Fortaleza no Ceará, cidade onde nasci e vivi até os 13 anos, para Brasília cidade que moro hoje. Nessa mudança, acabei mudando também de escola, continuava a ser a escola militar, mas agora era a de Brasília.

O Colégio Militar de Brasília, para mim foi consideravelmente mais fácil no ensino fundamental do que o CMF havia sido. Mesmo a mudança tendo sido muito complicada, pelo fato de que nem eu e nenhum membro de minha família queríamos ter se mudado, porque nós éramos muito apegados a nossa família, que não considerávamos apenas, pai, mãe e filhos, mas também tias, tios, primos e avós. Morei os primeiros três anos de minha vida na casa da minha avó, onde todos os meus tios e seus respectivos cônjuges, os que tinham, e filhos, moravam também. Então acabou que todos cuidavam um pouco de mim, todos conviviam juntos. No entanto minha mãe nunca gostou disso.

Minha mãe nunca trabalhou, ela terminou o ensino fundamental, mas não terminou o médio, nem ela e nem o meu pai. Quando se conheceram, minha mãe só trabalhava em uma pequena empresa que consertava aparelhos de telefone. E meu pai era cabo do exército. Quando eles decidiram casar, minha mãe decidiu que iria trabalhar apenas para ajudar com a festa e comprar alguns móveis e depois iria parar de trabalhar, pois já estava grávida de mim. Assim quando eles casaram tiveram que morar na casa de minha avó, que é bem grande até hoje e acomoda toda a família sem nenhum problema. Por essa razão ficamos morando três anos na casa dos meus familiares, mas como disse minha mãe nunca gostou disso, então logo que pude pedi para o meu pai parar que nós nos mudássemos, e assim acabamos nos mudando. Lembro que quando era criança acabei me mudando várias vezes, até meu pai achar em um bairro bem distante da casa de nossos familiares, um terreno, que ele tinha condições de comprar. Então ele comprou esse terreno e construiu a casa que até hoje está lá. Uma casa grande, com três quartos, um quintal grande, sala e quartos grandes, onde eu e meu irmão passamos nossa infância quase toda. Mesmo assim nossa vida continuava muito atrelada a de nossos familiares, todo fim de semana era dia de ir para a casa da avó. Onde também passei grande parte da minha infância.

Por essa razão a mudança para Brasília foi muitíssimo complicada para nós. Para mim em especial foi o primeiro ano aqui, nossa, foi muito complicado, eu sentia muita falta dos meus familiares, das minhas avós, dos meus amigos da escola.

No entanto, o que nos ajudou bastante na chegada em Brasília, foi a igreja em que começamos a congregar. É impossível negar na minha vida essa instituição. Em especial essa igreja, pois ela é, até hoje, composta em sua maioria por membros militares do exército. Assim lá havia muitos membros que assim como nós tinham saído de perto de seus familiares e começado a viver mais como família apenas o pai a mãe e os filhos. Fora que a igreja em si era uma grande família. O pastor e sua família eram, e ainda são, bastante receptivos e

ajudadores com as famílias que chegam. Assim foi a igreja o primeiro lugar onde eu consegui me adaptar melhor e começar a pensar em Brasília como uma cidade não tão ruim.

O Colégio Militar de Brasília no ensino fundamental, foi muito tranquilo para mim, depois do trauma do CMF, esperava que o CMB fosse tão ruim quanto, no entanto, foi bem melhor do que eu imaginava, nem de recuperação eu ficava, apesar de não ter sido uma aluna exemplar também. No entanto minha vida acadêmica ficou bem complicada quando entrei no ensino médio. Com a inserção da Física nos meus estudos, tudo acabou se tornando mais complexo, estudar passou a ser mais pesado do que o de costume. Meu primeiro ano do ensino médio foi um terror, começou a voltar todo o pavor que tive na minha primeira sexta série do ensino fundamental no CMF. O medo de não conseguir passar de ano. Estudei bastante para as provas, lembro que praticamente não estudava qualquer outra matéria que não fosse Física, eu chegava em casa, fazia os exercícios das outras matérias e conseguia passar nas provas, no entanto Física eu estudava muito e até entendia com o professor explicando e tudo, mas quando chegava em casa para fazer os exercícios e estudar eu não conseguia fazer e como consequência ia muito mal nas provas. Resultado no primeiro bimestre fiquei de recuperação em Física. Minha nota não tinha sido tão baixa, mas mesmo assim eu não consegui recuperar na recuperação. Sem falar na antipatia pelo professor de Física, que para mim ensinava como se fosse a coisa mais simples do mundo e todos tinham que entender. Claro que para ele, que era formado naquilo e ensinava já fazia algum tempo, deveria realmente ser algo fácil de se entender, no entanto, saber o assunto não é sinônimo de saber ensinar aquele assunto para quem não sabe. Enfim no fim do primeiro ano eu fiquei de recuperação em Física mas pelo menos consegui passar, no sufoco, mas consegui.

Sempre me achei uma péssima aluna. Nas séries iniciais eu era uma boa aluna, aprendi a fazer contas muito bem, aprende a ler e escrever muito bem e no tempo certo, tinha boas notas, gostava de ir à escola. Mas tudo isso se transformou quando eu entrei no Colégio Militar, não posso dizer que foi em especial por ter entrado no CM, por ele ser uma escola diferente das outras, afinal o CM é considerado uma das melhores escolas do Brasil. No entanto olhando hoje para a escola, tirando a parte militar, que não tinha muito também, a não ser aprender a marchar, prestar continência, fazer formaturas, etc. Nada disso, da parte militar, atrapalhava em nada na questão do ensino, no entanto, os professores, que vejo hoje como ainda muito tradicionais, em sua maioria, na questão do ensino. Lembro de na minha sétima série ter um professor que era coronel aposentado, que era muito velhinho e não entendíamos nada do que ele falava, mas só por ser militar e coronel, ele não saía de lá. Então o Colégio acaba não abrindo as portas para outros professores que tem um ensino mais diferenciado para

melhor. É ainda uma escola muito tradicional, muitos professores, principalmente das exatas não se importavam com o fato de você não ir bem nas provas, eles apenas diziam que tínhamos que passar de qualquer jeito, sem dar uma única ajuda para isso.

Tanto que no meu terceiro ano do ensino médio no CMB, eu ainda tinha muita dificuldade em Física, e no fim do ano acabei reprovando Física e teria que reprovar todo o ano de novo. Mas eu não podia fazer isso, pois já havia escolhido meu curso e por incrível que pareça eu tinha ido bem nas provas do PAS. Por essa razão eu tinha certeza de que iria sim passar na UnB. Quando soube que tinha reprovado, liguei para os meus pais chorando muito, dizendo que tinha perdido a oportunidade de entrar na UnB e que ainda por cima ia ter que repetir todo o terceiro ano, mas que não ia adiantar, pois eu nunca ia aprender Física. Mas os meus pais mesmo muitas vezes puxando no meu pé para estudar e passar sempre, porque eles sempre foram muito insistentes nisso, falavam sempre que não tinham muito para me oferecer e oferecer ao meu irmão, mas a educação era a coisa mais importante que eles poderiam oferecer. Na hora em que contei sobre a reprovação, meus pais ficaram tristes mas confiaram em mim de certa maneira, mesmo reprovada, eu tinha dito que ia conseguir passar na UnB, então eles foram comigo procurar o que fazer. Assim nós encontramos uma Escola Técnica que tinha supletivo, e em menos de um mês eu fiz muitas provas de Física para conseguir meu diploma de conclusão do ensino médio. Foi um tempo muito difícil, pois eu mal tinha saído de uma reprovação e agora tinha que continuar estudando e fazendo provas da matéria que eu não gostava e não conseguia aprender. Mas enfim eu consegui meu diploma e como já sabia no começo de 2011 fiquei sabendo que passei pelo PAS em primeira chamada na UnB, para o curso de Pedagogia. Foi sem dúvida uma das melhores notícias da minha vida. E também acredito que um grande alívio para os meus pais.

Assim que passei, começaram os comentários da minha família, “mas Pedagogia Raissa? Você não pensa em fazer outro curso melhor não?” e eu logo respondia que não. Era realmente o que eu queria e ia fazer todo o curso da melhor forma que eu pudesse.

Assim aqui estou eu no meu último semestre do curso que escolhi fazer por vontade própria e com muito orgulho. Lembro-me da primeira vez que pisei na UnB, que foi para fazer minha matrícula a emoção que foi, achei tudo muito diferente e bonito. A FE, nossa que lugar bonito, até hoje acho. Claro que com o passar do tempo a gente vê que precisa de reformas e muitas melhorias e muitos aspectos, no entanto continua sendo para mim um dos lugares mais bonitos da UnB.

Meu primeiro semestre foi um dos melhores semestres de minha vida, eu estava descobrindo um mundo de coisas novas, um mundo de ideias e de concepções, estava

construindo uma nova forma de olhar a vida. Cada semestre que passei no meu curso foi um aprendizado novo e a cada semestre fui descobrindo o porquê de eu estar ali. No começo eu escolhi Pedagogia porque sempre gostei da ideia de ser professora e queria mesmo entender o que era ser professor e porque para mim a escola foi um lugar tão difícil, já que a educação ocupa a maior parte da nossa vida, não deveria ser o professor o maior motivador para uma boa formação? Eu queria entender mesmo o que era ser professor, e também, ajudar em minha prática como futura professora os alunos. Sempre achei que a educação era uma das coisas mais importantes na vida de um ser humano e na constituição de uma sociedade. Claro que a educação sozinha não muda o mundo, mas tão pouco sem ela o mundo muda.

Foi pensando dessa maneira que no decorrer do meu curso acabei caminhando em direção ao que ia nortear minha vida acadêmica, a teoria da Subjetividade, de González Rey, apresentada pela professora Teresa Cristina. Lembro-me de a primeira vez que entrei na sala da professora Teresa, achei a aula um máximo, realmente muito boa, e com certeza ela ia na direção que eu gostaria de caminhar. Nunca me esqueço do texto que ela passou em uma aula, “Sobre Moluscos e Peixes”, achei bem estranho o título do texto, no entanto, quando li achei o texto fantástico. Enfim desde esse primeiro contato, nunca mais quis largar essa vertente, nem a professora. Depois disso descobri o PIBIC, que era uma oportunidade de aprofundar mais nesse tema e fazer pesquisa também e fui procurar a professora e ela em toda sua paciência aceitou me orientar. Foi a partir do meu primeiro PIBIC, e da vertente que eu acabei seguindo no curso sobre a Subjetividade, que veio a construção da minha monografia.

Não só a construção da minha monografia, mas também, a partir daí eu entendi o que eu queria fazer sempre, eu queria fazer pesquisa e seguir a vida acadêmica. Claro que quero lecionar em escolas de educação básica, pois sei que não adianta fazer mestrado e doutorado, como Pedagoga, sem ter uma base de como é ser professora da educação básica.

Com isso pretendo logo tentar pós-graduação, não parar de estudar, continuar pesquisando e estudando cada vez mais, para aprender mais e entender mais da teoria e de outras teorias que ajudem em minha prática pedagógica durante toda minha vida acadêmica.

Por fim, sou muito grata a tudo que contribuiu para que hoje eu estivesse aqui, fazendo este memorial para minha monografia. Durante meu curso aprendi muitas coisas, que pretendo colocar em prática e outras que pretendo ajudar a mudar. Tive ótimas oportunidades, principalmente agora em meu último semestre onde realmente eu me decide pela vida acadêmica. Através do contato com outras matérias e grupos de estudos que participei. A oportunidade que a UnB dá para nós estudantes de ter essa interface com outros cursos, onde eu me encontrei também na Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano. Participando



de um grupo de estudo em um laboratório da própria Psicologia, onde tem ótimos professores, e alunos de graduação e de pós-graduação também, um lugar onde todos tem a oportunidade de falar e debater em pé de igualdade. Por que isso é o que se espera da academia, que seja um lugar onde você possa aprender com os grandes professores que tem, mas que esses grandes professores, saibam ser grandes educadores também, o que é mais importante. Um lugar de debate, onde todos possam ouvir e ser ouvidos. Enfim esse grupo foi muito importante para mim e para meu crescimento acadêmico também. E em paralelo a esse grupo também acabei participando de outro grupo sobre Epistemologia Qualitativa nas produções acadêmicas da UnB, que tem tudo a ver com a metodologia da minha monografia e tudo o que eu vinha me interessando mais durante o curso.

Assim espero terminar essa fase de minha vida acadêmica bem, para que possa começar outra fase, mas claro, sempre tendo minha graduação como base da minha vida acadêmica. Posso até ser pós-graduada em outras áreas, mas sei que sempre serei Pedagoga.

## MONOGRAFIA

### INTRODUÇÃO

A aprendizagem é um processo muito mais amplo do que simplesmente memorizar conceitos. Aprender é um ato de significação do sujeito que aprende. Por essa razão é importante que os professores compreendam o processo de aprendizagem, considerando a subjetividade das pessoas que aprendem.

No entanto, o que se vê nas escolas de hoje, consideramos na pesquisa como sendo essa “escola de hoje” a escola regular de ensino público do Brasil, é uma tendência à padronização. A escola desconsidera a subjetividade dos vários indivíduos presentes em seu ambiente, impondo assim que todos os alunos precisam aprender as mesmas coisas da mesma maneira e ao mesmo tempo.

A escola de hoje se estabeleceu como um modelo do tipo tamanho único, ou seja, em um único formato que deve se ajustar a todos indistintamente, o que lhe dá um perfil com forte tendência para a padronização, formalização e hierarquização. (TACCA; REY, 2008, p.140)

Essa padronização contribui para que a escola, de certo modo, deixasse de lado o que deveria ser seu principal objetivo, o de ensinar a pensar. Pensamento esse que não está restrito a matérias e conteúdos memorizados, mas, além disso, a formação de um pensamento crítico que auxilie no desenvolvimento do aluno como sujeito ativo.

O fato de a escola ignorar, em sua prática pedagógica, a subjetividade de cada aluno quando padroniza, formaliza e hierarquiza seu processo de ensino e aprendizagem, imputando um modelo único de se obter conhecimento, acaba por tornar esse conhecimento muitas vezes algo obrigatório e ininteligível ao aluno, pois não leva em conta o espaço, o tempo, a vivência, e os sentidos subjetivos produzidos por esses alunos.

Segundo González Rey (2001), o sujeito que aprende expressa sua subjetividade dos diferentes espaços sociais em que vive no processo de aprender. Nenhuma atividade humana resulta em uma atividade isolada do conjunto de sentidos que caracterizam o mundo histórico e social da pessoa. Por isso, para aprender o sujeito necessita ligar o que aprende com o seu cotidiano, para que, o que será ou foi aprendido, tenha um sentido para ele e assim a atividade de aprender seja de fato efetivada.

Por outro lado, quando essa aprendizagem é dada pela fragmentação do conhecimento, como a escola de hoje faz, acaba por tornar esse conhecimento algo simplista e reduzido, pois foca o aprendizado apenas na memorização de conceitos científicos.

A simples memorização de conceitos não precisa levar em conta os conhecimentos prévios dos alunos, o que faz com que esses novos conceitos que foram ou serão aprendidos, sejam apenas memorizados e fiquem soltos, sem se relacionar com os conceitos já existentes, tornando-os assim sem significado para o aluno e, provavelmente logo esquecido.

A aprendizagem é muito mais significativa à medida que o novo conteúdo é incorporado às estruturas de conhecimento de um aluno e adquire significado para ele a partir da relação com seu conhecimento prévio. Ao contrário, ela se torna mecânica ou repetitiva, uma vez que se produziu menos essa incorporação e atribuição de significado, e o novo conteúdo passa a ser armazenado isoladamente ou por meio de associações arbitrárias na estrutura cognitiva. (PELIZZAR; KRIEGL; BARON; FINCK; DOROCINSKI, p. 38)

Essa aprendizagem significativa precisa de condições para acontecer, uma condição muito importante para que ela aconteça é a motivação do aluno para aprender. No entanto essa motivação não deve tomar o motivo como uma entidade cristalizada por um conteúdo redundante com o tipo de atividade que impulsiona, por exemplo, motivos cognitivos como aqueles que estimulam a cognição (REY, 2012). Assim no contexto da aproximação da subjetividade como sistema, González Rey (2012), considera que os motivos são as configurações subjetivas que se organizam no curso da ação. Ainda segundo esse autor, essas configurações subjetivas que se organizam no curso da ação sempre envolvem as configurações subjetivas da personalidade.

Tendo em vista que o olhar para a subjetividade dos alunos no seu processo de aprender por parte dos professores é uma questão que deve ser considerada, o problema da presente pesquisa é: Como os professores compreendem a subjetividade no processo de aprendizagem dos seus alunos?

A motivação que levou a produção desse trabalho é exatamente minha percepção, como ex-aluna da educação básica, do pouco interesse por parte de muitos professores de ter um olhar mais singular para cada aluno, e nem uma prática pedagógica que auxilie na, pelo menos, tentativa de um ensino que resulte em uma aprendizagem significativa para seus alunos. Também as várias pesquisas e artigos que ainda falam sobre dificuldades de aprendizagem e uniformização da maneira de ensinar e conseqüentemente do modo que os alunos têm que aprender. Aprendizado esse voltado para simples memorização de conceitos

para passar em uma prova. E em conjunto com essa razão meu contato com a teoria da Subjetividade de González Rey, que ajudou na minha reflexão a respeito desse assunto e auxiliará na minha futura prática como Pedagoga.

Nessa perspectiva, esse trabalho justifica-se pela importância de se compreender como é a concepção dos professores sobre a subjetividade no processo de aprendizagem dos alunos, pois a escola de hoje, como já foi dito, tem uma forte tendência à padronização, igualando assim seus alunos sem considerar suas personalidades na maneira de aprender. Assim é importante que se compreenda a questão da pesquisa para um fazer pedagógico por parte dos professores mais capaz de resultar em uma aprendizagem significativa.

Desse modo, essa pesquisa possui os seguintes objetivos:

### **Objetivo Geral**

- Analisar como os professores concebem a subjetividade de seus alunos no processo de aprendizagem escolar.

### **Objetivos Específicos**

- Verificar como os professores consideram a subjetividade no processo da aprendizagem dos alunos em sua prática pedagógica;
- Investigar como os professores planejam sua prática pedagógica para um aprendizado significativo de seus alunos.

## CAPITULO 1

### REFERENCIAL TEÓRICO

#### APRENDIZAGEM E ESCOLA

Por muito tempo a aprendizagem foi estudada como um processo em termos comportamentais e depois cognitivos-intelectuais, Rey (2012). Nos estudos a respeito da aprendizagem, com a influência das teorias comportamentais, a mente foi negada, e quando vista pela perspectiva cognitivo-intelectual, como as teorias de Piaget e a psicologia cognitiva, o que se enfatizava era o caráter operacional da mente (REY, 2006). Assim a forma que a aprendizagem foi concebida por muito tempo não considerou o aluno nesse processo, mas apenas suas capacidades e habilidades, não deixando espaço para os aspectos subjetivos e sociais que fazem parte do processo de aprender.

Nessa perspectiva, segundo Rey (2012), a emoção era vista no predomínio das teorias de tipo comportamental e cognitivo como processo que não participava de forma intrínseca na qualidade da aprendizagem. Isso se deu pela separação das funções cognitivas e afetivas para se compreender a aprendizagem.

No entanto é muito difícil, para não dizer impossível, tentar compreender a aprendizagem separada da emoção. O cognitivo e o afetivo tem que trabalhar de forma interrelacionadas para que ocorra uma aprendizagem significativa.

A aprendizagem está relacionada intimamente com o desenvolvimento da personalidade como uma unidade afetiva cognitiva. Assim não se deve separar a afetividade, que para esse autor abrange as emoções e é de ordem biológica, sendo que a emoção seria a expressão do sentimento, e é a partir das emoções que o ser biológico se torna social, da cognição.

O próximo tópico vai expor um pouco sobre o que seria a aprendizagem escolar, discutindo seu conceito e implicações.

#### **1.1 Aprendizagem Escolar**

A aprendizagem é uma atividade que o homem exerce desde os seus primórdios, ela é crucial na vida e na cultura humana, sem ela seria impossível à existência da própria cultura.

Aprender é também garantir a sobrevivência, pois é um modo de adaptação ao meio ambiente (ANDERSON, 1947, p. 12).

Aprender é uma atividade que precisamos desempenhar, pois sem ela não conseguiremos sobreviver. Ao chegar ao mundo, essa necessidade da vida humana começa a se impor sem que haja um ponto de chegada. As pessoas se precipitam para experiências e experimentações diversas durante a vida, e todas elas resultam em algo aprendido. Isso nos caracteriza enquanto seres humanos de forma bastante diferenciada em relação aos animais. Se aprendemos no nosso dia a dia, nós o fazemos sempre nas relações sociais, em diferentes grupos sociais e com propostas e objetivos diferentes. No entanto, além de aprender para sobreviver, ou melhor, para viver, devemos também aprender para ser, pois essa atividade nos constitui enquanto pessoas, nas nossas trocas constantes, ou seja, no âmago dos processos de socialização. (TACCA; REY, 2008, p.139)

Assim aprender, de acordo com Pozzo (2004) *apud* Rossato (2010), é adquirir conhecimentos, comportamentos, informações e representações. E aprendizagem escolar, segundo Tunes (et al., 2006) *apud* Rossato (2010), se refere ao domínio generalizado de um sistema de conceitos científicos, aspectos que consideram medulares dos currículos escolares.

Desse modo, pode-se dizer que, a aprendizagem na escola é um modo formal de adquirir conhecimentos que sirvam como base para que o sujeito que aprende possa viver na sociedade em que está inserido. O que reflete em sua aprendizagem como todo, afinal a aprendizagem é crucial na vida e na cultura humana, sem ela seria impossível à existência da própria cultura, aprender é também garantir a sobrevivência.

O problema dessa aprendizagem formal, é que, na escola, esse conhecimento é dado como algo acabado, finalizado, o que não dá espaço para que os alunos criem ou reflitam, mas que apenas recebam aquele conhecimento como verdadeiro e reproduza-o.

No ensino escolar, ainda predomina uma visão de aprendizagem como a reprodução daquilo que se apresenta ao aluno: a aprendizagem é reprodução e não criação. A representação descritivo-reprodutiva da aprendizagem que norteia as práticas associadas ao ensino na instituição escolar é responsável por uma série de atributos que vão se assumindo no processo de ensino como "princípios" do ensino, os quais, na maior parte das vezes, são inconscientemente assumidos por professores e aluno. Assim, a aprendizagem no cenário escolar está orientada mais pela transmissão de conhecimentos verdadeiros, do que pela discussão e reflexão dos conteúdos apresentados: aos alunos lhes é transmitido um mundo feito, não um mundo em processo de construção e representação, o que desmotiva a curiosidade e o interesse deles. (REY, 2006, p. 31)

Por essa razão é muito comum o fenômeno da objetividade no processo de ensino e aprendizagem em sala de aula. Ou seja, um professor é bom quando ele é “claro e objetivo”

quando ensina, pois esse professor vai descrever do conteúdo, apenas o que for necessário, que seria o que vai, por exemplo, cair na prova. Assim os alunos não sentem a necessidade de entender as bases daquele conteúdo, impossibilitando a reflexão e a crítica por parte dos alunos.

Aprende-se aquilo que já está resolvido e o conhecimento converte-se assim em um referente verdadeiro que deve ser assimilado. A dúvida, as hipóteses, a reflexão crítica são excluídas do cenário da aprendizagem. O termo aprendizagem é reduzido à reprodução de um saber dado, pelo que a aprendizagem se dissocia do desenvolvimento humano e passa a ser representada apenas em uma dimensão cognitivo-reprodutiva. As estruturas que, segundo Piaget, estão na sua base são desconsideradas pelo ensino institucionalizado da escola. (REY, 2006, p. 33)

Atrelada a essa questão vem outro problema, que é a não aceitação do erro. É inconcebível que um aluno erre a definição de um conceito. E a consequência desse erro é a rotulação do aluno como alguém que tem dificuldade de aprender. Isso se torna muito complicado, porque, infere-se que existe um conhecimento "certo" que já está pronto e que o aluno tem que saber, mas nada existe de novo que possa ser acrescentado por ele, González Rey (2006).

Ignorar o erro do aluno sem tentar entender o motivo desse erro é uma prática muito comum em sala de aula. Isso começa desde as séries iniciais, quando o aluno está aprendendo algum conteúdo e quando vai resolver algum exercício, faz de um jeito diferente do que o professor ensinou, apesar de a resposta estar certa, e o professor fala que está tudo errado, que ele não pode fazer daquela maneira. Essa atitude do professor acaba inibindo a criatividade do aluno de pegar aquele conhecimento que aprendeu e aplicar de todas as formas que ele pode ser aplicado. Não só a criatividade do aluno é inibida, mas, também sua, digamos assim, coragem de mostrar ao professor que aprendeu aquele conteúdo e pode aplicar ele de outras formas para chegar ao mesmo resultado. O que também desencoraja o aluno a se quer levantar a mão para tirar dúvidas, pois se for pra ele levantar a mão para o professor dizer que está errado e que ele não entendeu nada do conhecimento verdadeiro que lhe foi passado, então ele prefere ficar quieto.

Outro problema da objetividade é que além de excluir a produção de conhecimento e passar a ideia de conhecimento como algo terminado, é o de que acaba por tornar esse conhecimento um paradigma, quase um dogma, que tem que ser aceito, não questionado e nem refletido.

Nessa visão para aprender o aluno precisa memorizar o conceito exatamente como ele é, com cada vírgula e acento que a definição daquele conceito apresentar. Assim o aluno que não consegue, na sua forma de aprender, memorizar, cai na rotulação dos que tem dificuldade de aprendizagem.

É importante enfatizar que na escola, os conhecimentos aprendidos devem servir como base para essa autonomia do aluno como sujeito ativo e assim ele possa refletir e produzir conhecimento.

O caráter singular da aprendizagem vai nos obrigar a pensar em nossas práticas pedagógicas sobre os aspectos que propiciam o posicionamento do aluno como sujeito da aprendizagem, o que necessariamente vai implicar o aluno com suas experiências e ideias no espaço do aprender. Isso é conseguido não apenas com os aspectos técnicos envolvidos na exposição de um conteúdo, mas com o desenvolvimento de relações que facilitam o posicionamento ativo e reflexivo dos alunos. (REY, 2006, 35)

Pois nenhum conhecimento está pronto e acabado para ser repassado, todo conhecimento é uma parte que auxilia na reflexão do sujeito sobre o mundo que o cerca. Até porque cada conhecimento e teoria estão intimamente atrelados ao tempo em que foi produzido, não que os conhecimentos de uma época passada tenham que ser ignorados, obviamente que não, e nem poderiam. Mas esses conhecimentos devem ser bases para compreender o mundo e ajudar a pensa-lo de acordo com as demandas mais atuais da sociedade.

A concepção desse aluno que aprende como sujeito ativo, com suas experiências e ideias, implica em uma visão aonde o aluno não vai para a sala de aula como antigamente se acreditava como uma tábula rasa, pronta para ser escrito pelo professor, que é o mestre detentor de todo conhecimento. Tomando o aluno como apenas um depósito onde é despejado todo conhecimento verdadeiro e já descoberto.

Essa ideia nos leva a pensar então sobre: o que seria uma real aprendizagem? Uma real aprendizagem seria uma aprendizagem significativa, onde os alunos não são apenas depósitos de conhecimentos já descobertos, verdades imutáveis, mas que esses alunos como sujeito que aprende, já têm conhecimentos que antecedem o que ele vai aprender em sala de aula.

É sobre essa aprendizagem significativa que o próximo ponto vai discorrer.



## 1.2 Aprendizagem Significativa

Uma vez que aprender não é apenas memorizar conceitos científicos, pois pode ser que memorizando conceitos o aluno pode não ter aprendido efetivamente aquilo e pode vir a esquecer-se do que foi memorizado, logo depois que utilizar. É importante que se compreenda o conceito de aprendizagem significativa. Assim,

aprendizagem significativa é aquela em que ideias expressas simbolicamente interagem de maneira substantiva e não-arbitrária com aquilo que o aprendiz já sabe. Substantiva quer dizer não-literal, não ao pé-da-letra, e não-arbitrária significa que a interação não é com qualquer ideia prévia, mas sim com algum conhecimento especificamente relevante já existente na estrutura cognitiva do sujeito que aprende. (MOREIRA, 2012, p.2)

O conceito de aprendizagem significativa é muito claro a respeito dos conhecimentos prévios. Enfatizando que eles são totalmente necessários para a aquisição de novos conhecimentos. Esses conhecimentos prévios são denominados por Ausubel (1918-2008) de subsunçor ou ideia-âncora.

Em termos simples, subsunçor é o nome que se dá a um conhecimento específico, existente na estrutura de conhecimentos do indivíduo, que permite dar significado a um novo conhecimento que lhe é apresentado ou por ele descoberto. Tanto por recepção como por descobrimento, a atribuição de significados a novos conhecimentos depende da existência de conhecimentos prévios especificamente relevantes e da interação com eles. (MOREIRA, 2012, p.2)

Um conhecimento novo só é aprendido significativamente quando interage com o conhecimento prévio específico já significado, para que esse conhecimento novo seja também significado a partir do conhecimento prévio já existente.

Assim é possível ver que, na prática, na escola se um aluno não aprendeu determinado conteúdo significativamente que tenha que servir como ancora, quando ele for aprender um novo conhecimento, esse novo conhecimento não vai ser possível de ser aprendido, pois não vão existir bases para que esse novo conceito seja significado. Por exemplo, se um aluno vai aprender a fazer expressões numéricas, que seria o novo conhecimento, ele vai ter que ter seus conhecimentos prévios específicos que seriam as quatro operações básicas da matemática.

Esta forma de aprendizagem significativa, na qual uma nova ideia, um novo conceito, uma nova proposição, mais abrangente, passa a subordinar conhecimentos prévios é chamada de aprendizagem significativa superordenada. Não é muito comum; a maneira mais típica de aprender

significativamente é a aprendizagem significativa subordinada, na qual um novo conhecimento adquire significado na ancoragem interativa com algum conhecimento prévio especificamente relevante. (MOREIRA, 2012, p.3)

A não aprendizagem significativa se caracteriza em um problema que pode ocorrer tanto na educação básica, quanto quando um aluno chega à educação superior. Na educação básica esse problema pode acarretar mais para frente em uma reprovação. A reprovação na educação básica é muito complicada, pois o aluno não reprova apenas a matéria específica que ele não conseguiu aprender, mas, todas as matérias que ele viu durante o ano, até mesmo as que ele foi bem e já sabe. Não afirmamos aqui que toda reprovação é algo muito ruim, se ela for significativa para o aluno que reprovou, pode ser que naquele momento seja uma solução. No entanto falando das escolas de hoje, públicas do Brasil, vemos que em sua maioria a reprovação não vem acompanhada de um auxílio específico para que aquele aluno possa ter essa aprendizagem significativa, mas sim mais como uma punição.

Essa questão pode levar a outro problema que é a desmotivação dos alunos em sala de aula por ter reprovado de ano. É comum ver, nas escolas muitos alunos sem motivação sem ter reprovado de ano, quanto mais um que reprova. Principalmente porque a escola tem em seu formato a divisão de séries, que seria o que os alunos deveriam aprender naquele ano, por idade. Assim um aluno quando reprova fica sendo sempre, em toda sua vida acadêmica, mais velho para a série em que está. O que pode o desmotivar ainda mais, por várias razões, até mesmo pelos seus colegas de sala que podem vir a zombar desse aluno.

Todo esse problema da não aprendizagem significativa, desmotivação por essa não aprendizagem e reprovação como possível consequência, leva a mais um problema que seria a da dificuldade de aprendizagem. Onde quase sempre a escola coloca a culpa dessa não aprendizagem, desmotivação e reprovação totalmente no aluno.

De acordo com Rossato (2008) as dificuldades de aprendizagem escolar são identificadas pela escola quando o aluno não consegue cumprir as exigências das características que assumem os processos de ensinar-aprender. Ou seja, se o aluno não aprendeu o conteúdo que a escola passou do jeito que ela passou ele tem dificuldades de aprendizagem. Isso se reflete nas provas, quando os alunos não conseguem tirar uma boa nota ele acaba sendo tachado como um aluno com dificuldade de aprender.

De maneira geral os professores nem ao menos tem o entendimento do que seja o conceito de fato de dificuldade de aprendizagem e tudo que esse conceito abrange. Segundo Pereira e Tacca,

Dificuldade de Aprendizagem (DA) é um termo geral que se refere a um grupo heterogêneo de transtornos que se manifestam por dificuldades significativas na aquisição e uso da escuta, fala, leitura, escrita, raciocínio ou habilidades matemáticas. Esses transtornos são intrínsecos ao indivíduo, supondo-se devido à disfunção do sistema nervoso central, e podem ocorrer ao longo do ciclo vital. Podem existir, junto com as dificuldades de aprendizagem, problemas nas condutas de auto-regulação, percepção social e interação social, mas não constituem, por si próprias, uma dificuldade de aprendizagem. Ainda que as dificuldades de aprendizagem possam ocorrer concomitantemente com outras condições incapacitantes (por exemplo, deficiência sensorial, retardamento mental, transtornos emocionais graves) ou com influências extrínsecas (tais como as diferenças culturais, instrução inapropriada ou insuficiente), não são o resultado dessas condições ou influências.” (NJCLD, 1988, apud, GARCÍA, 1998:31e 32)

De acordo com essa definição a dificuldade de aprendizagem é um conceito usado para um grupo heterogêneo e está mais intimamente ligada a questões de ordem biológica. E muitas vezes o que ocorre com o aluno que recebe o rótulo de que tem dificuldade de aprendizagem não tem relação alguma com nada de ordem biológica, mas apenas tem instrução inapropriada ou insuficiente.

O que corrobora para a necessidade de uma aprendizagem significativa. Pois se o aluno consegue significar seu conhecimento novo a partir de um conhecimento prévio, que por sua vez também foi significado, sua aprendizagem será significativa e ele não vai reprovar de ano e nem não entender os conteúdos.

É importante colocar que esses conhecimentos prévios não são construídos apenas no espaço formal da escola, ele é constituído também no dia-a-dia do aluno, nas suas vivências e experiências fora de sala de aula.

Aprender implica no estabelecimento de relação entre os processos internos e externos de quem aprende (ROSSATO, 2008, p.23). Assim aprender não depende apenas dos processos internos como a cognição, mas também dos processos externos dos alunos. Por exemplo, um aluno que aprende a contar antes de aprender na escola através de uma brincadeira que os pais fazem com ele, quando ele for pra escola ele já vai ter aqueles conhecimentos prévios antes do aprendizado formal adquirido na escola. Até mesmo uma criança que, por exemplo, precisa trabalhar além de ir à escola pode adquirir conhecimentos prévios sem ser na escola, como quando ela vai vender balinhas no sinal, se uma balinha custa 10 centavos e uma pessoa quer comprar 5 balinhas e dá para a criança 1 real, e a criança devolve 50 centavos para a pessoa que comprou as balinhas, já tem muitos conhecimentos prévios a respeito de problemas matemáticos, mesmo esses conhecimentos não sendo formais.

Por essa razão é necessário que se considere não apenas os conhecimentos que os alunos aprendem em sala de aula, mas também os que elas aprendem em suas experiências e vivências no dia-a-dia de suas vidas.

### **1.3 O Sujeito que Aprende e o Sujeito que Ensina**

O responsável pela mediação entre o aluno e o conhecimento, para o aprendizado significativo, na escola é o professor. O professor é um mediador, pois, na escola de hoje esse profissional não pode ser um simples transmissor de conhecimentos ou conceitos científicos isolados, ele precisa ser um estimulador, um orientador que ajude os seus alunos a formular conceitos, a construir valores e habilidades que o ajudem no seu desenvolvimento como cidadãos, como pessoa. E essa mediação deve ser feita através do diálogo, a conversação, o diálogo em sala de aula, estimula o envolvimento do aluno, define um processo de aprendizagem-norteador pela reflexão. Segundo González Rey, o aluno vai entrando em um caminho que o obrigará a assumir posições, processo facilitador da emocionalidade na atividade de aprender.

Assim não basta que o professor ensine para que os alunos possam ter uma profissão futuramente, pois no mundo de hoje é necessário que os alunos saiam das escolas aptos a serem cidadãos críticos e reflexivos, para que ele possa ajudar a transformar o meio ou sociedade em que vive, para que seja valorizado e conseqüentemente seu trabalho também. Para que isso ocorra, é necessário que a escola e os professores possam ver os alunos como seres individuais.

No entanto não é o que se vê, pois as escolas se tornaram reprodutoras de conhecimentos já produzidos e não produtora de novos conhecimentos.

Em decorrência, os alunos, ao frequentarem a escola, são orientados a utilizar, dentre todas as suas funções, quase que exclusivamente as funções cognitivas e intelectuais, em especial a memória, com base nas habilidades de atenção e concentração, o que faz com que a função reflexiva produtiva e personalizada da aprendizagem fique em segundo plano, por não participar do foco das atividades propostas (TACCA; REY, 2008 apud REY, 2006, p. 141).

A escola tornou-se padronizada, fragmentada e mecanicista e por isso ela acaba retalhando o conhecimento, ou seja, é retirado de um conhecimento alguns conceitos e repassados para os alunos apenas esses conceitos destoados do conhecimento como todo.

Por isso, como afirma Tacca e Rey (2008), o conhecimento escolar, torna-se assim, uma listagem de conteúdos e conceitos a serem transmitidos e assimilados, no que não são alcançados os seus significados e a sua lógica. Assim repetir é erroneamente considerado aprendizado, a prova disso são as avaliações que são baseadas na verificação de memorização de conceitos passados em sala, se o aluno consegue repetir o que memorizou sobre o que é determinado conteúdo, significa que ele aprendeu, mas se não memorizou, então não aprendeu.

É preciso mudar essa realidade nas escolas, do contrário o conhecimento vai continuar sendo o mesmo de sempre, passado e repassado e nunca modificado. Aprender não é a simples memorização de conceitos, mas a assimilação, reflexão e crítica deles, para se possível, mudar o conhecimento e a realidade.

Por não conseguir às vezes reproduzir o conceito passado em sala de aula e tirar nota baixa em uma avaliação por errar aquele conceito o aluno passa a ter medo do erro. E esse erro pode não ser apenas por não memorizar um conceito, mas também pode ser por não colocar exatamente o que o professor passou em sala de aula, com as mesmas palavras, assim o medo do erro se tornou um dos piores inimigos da educação atual: o aluno fica engessado em fórmulas rotineiras para evitar errar e termina sendo incapaz de produzir pensamento sobre o que aprende (REY, 2006).

É pela padronização das escolas e fragmentação do conhecimento que se tornou normal pensar que todos os alunos devem aprender as mesmas coisas da mesma maneira, uma vez que ele precisa somente repetir o conteúdo ministrado em sala de aula. Assim a escola e os professores passam a desconsiderar a subjetividade e individualidade de seus alunos. Para que essa realidade mude é necessário que a escola e os professores compreendam o que é essa subjetividade, e o quão importante ela é para o processo de ensino-aprendizagem, para que assim possam considera-la.

Por essa razão no próximo capítulo iremos discorrer a respeito da teoria da Subjetividade concebida por González Rey, sob uma perspectiva histórico-cultural.

## CAPITULO 2

### TEORIA DA SUBJETIVIDADE SOB UMA PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL

González Rey busca desenvolver a questão da subjetividade que teórica epistemológica e metodologicamente não tem relação com a forma pela qual esse conceito surgiu em algumas correntes filosóficas da modernidade (REY, 2003).

Ainda segundo Rey (2003), a visão de subjetividade está apoiada com particular força no conceito de sentido subjetivo que representa a forma essencial dos processos de subjetivação.

No ponto seguinte será feita uma abordagem a respeito do conceito de Subjetividade, baseado na concepção de Rey.

#### 2.1 A Subjetividade

A questão da subjetividade vem sendo observada desde o aparecimento da Psicologia como ciência, no entanto o termo que se usava era consciência, que se apresentava mais como entidade constituída por funções concretas do que como sistema de natureza complexa, (REY, 2003).

Isso se deve ao fato de que quando a Psicologia foi criada ela tinha que ser considerada uma ciência, devido ao positivismo que dominava na época. Existiu na história da Psicologia o predomínio do empirismo, onde essa ciência era centrada no rigor dos instrumentos usados na coleta de fatos e nos procedimentos para definir as relações entre eles, mais do que na teoria, (REY, 2012).

Por muito tempo tentou-se estudar na Psicologia apenas aspectos que poderiam ser observados e experimentados, tal como o comportamento humano, sem dar atenção ao que ocorria dentro do ser humano, na sua consciência, para que determinado comportamento acontecesse. Por isso, nessa época a ênfase dos estudos psicológicos foi na observação do comportamento, a experimentação e rotulação desse comportamento, tal como fez Pavlov com sua teoria do estímulo-resposta. Assim por muito tempo a Psicologia ficou centrada mais no desenvolvimento de rótulos de significação para os resultados obtidos, excluindo completamente desse processo a produção de ideias do pesquisador (REY, 2003).

No entanto esse modelo de Psicologia baseado no empirismo foi começando a não ser mais suficiente até mesmo para, apenas explicar o comportamento humano.

O modelo de uma ciência psicológica baseada em evidências empíricas, e que havia sido útil em suas aplicações práticas, foi-se distanciando cada vez mais das inquietudes teóricas de seu fundador, e do cenário alemão em que surgiu, associando-se definitivamente ao contexto norte-americano, que, segundo alguns historiadores (Koch, 1992, Hardy Leahey, 1996), marca o surgimento da Psicologia moderna. (REY, 2003, p. 4)

Assim começou-se a observar nos estudos da Psicologia o Psiquismo. No entanto, tem se estudado mais os processos psíquicos do que tem se tentado compreender a psique como sistema. Por isso,

o desenvolvimento da subjetividade tem sido compreendido como um processo natural, desvinculado das condições históricas, como se ocorresse em etapas universalizadas, pautadas, muitas vezes, apenas na maturação biológica, não dando conta de explicar o homem concreto, síntese das relações sociais. (AITA; FACCI, 2011)

No entanto o desenvolvimento do homem é, portanto, um processo histórico e social, visto que "o homem é um ser de natureza social, que tudo o que tem de humano nele provém de sua vida em sociedade, no seio da cultura criada pela humanidade" (AITA E FACCI *apud* LEONTIEV, 1978/2004, p. 279, grifos do autor).

Assim o homem deve ser visto como um ser social, constituído e que constitui a sociedade em que está inserido. Desde que nasce o ser humano necessita de outras pessoas para a sua sobrevivência, no caso de quando é bebê no mínimo ele precisa da mãe, o que já faz dele membro de um grupo e para sempre esse ser humano vai fazer parte de grupos dentro de sua sociedade, na escola, na família, no trabalho, na faculdade, etc.

O homem só se torna homem, só se humaniza, enquanto se apropria dos mediadores construídos culturalmente, dos conhecimentos construídos pela humanidade ao longo de seu desenvolvimento sócio-histórico, (AITA; FACCI, 2011).

Dessa forma, de acordo com Aita e Facci *apud* Leontiev (1978/2004) os indivíduos, para se humanizarem, precisam se apropriar da cultura e dos mediadores culturais criados pela humanidade. Portanto o homem só se torna homem ao apropriar-se do mundo, e a constituição da sua subjetividade caminha desse ir e vir do mundo interno para o mundo externo, numa relação dialética entre objetividade e subjetividade.

Leontiev diz que a subjetividade é “uma propriedade do sujeito ativo”. Um fator que torna o sujeito único e singular. Uma subjetividade constituída com base na realidade material, na relação entre os homens. (AITA; FACCI, 2011, p.34).

Assim o homem constitui sua subjetividade no processo de internalização do que aprende do mundo externo ao seu redor, ou seja, da sociedade em que vive, e quando internaliza o que aprendeu da sociedade ele reflete e pensa sobre aquilo, quando reflete e pensa sobre o que internalizou o homem externa de modo subjetivo o que aprendeu da sociedade, desse modo o homem é constituído pela sociedade em que vive, ao mesmo tempo em que a constitui.

É importante então considerar a subjetividade e individualidade dos alunos uma vez que é a subjetividade que faz o homem o que ele é. Sendo a aprendizagem algo essencial e que faz parte do desenvolvimento do homem para que ele possa viver em sociedade, e a subjetividade é a internalização da sociedade em que o homem está inserido, as duas abordagens precisam andar juntas, para que os dois processos possa ser efetivo.

González Rey em sua obra “Sujeito e Subjetividade” define subjetividade como sendo, [...] um complexo e plurideterminado sistema, afetado pelo próprio curso da sociedade e das pessoas que a constituem dentro do contínuo movimento das complexas redes de relações que caracterizam o desenvolvimento social (REY, 2003, p. 9).

Esse autor para compreender a subjetividade trabalha com alguns conceitos tais como: sentido subjetivo, que para o autor representa a forma essencial dos processos de subjetivação. Configuração subjetiva, que seria o conjunto de sentidos subjetivos em torno de algo e também o sujeito.

O ponto seguinte discorrerá mais profundamente a respeito dos conceitos acima colocados.

## **2.2 Sentido Subjetivo, Configurações Subjetivas e Sujeito**

O sentido exprime as diferentes formas da realidade em complexas unidades simbólico-emocionais, nas quais a história do sujeito e dos contextos sociais produtores de sentido é um momento essencial de sua constituição, o que separa esta categoria de toda forma de apreensão racional de uma realidade externa (REY, 2005).

Sentido subjetivo é o resultado da configuração subjetiva que se organiza em torno da experiência vivida; ele é o resultado de uma configuração subjetiva que se organiza no curso



da própria experiência e da qual participam ativamente, em forma de sentidos subjetivos diversos, as diferentes configurações da personalidade envolvida nesse processo (REY, 2012). Assim os sentidos subjetivos seriam os resultados das experiências simbólicas emocionais, sendo que esses símbolos são construções culturais-sociais, e o emocional seriam as construções históricas das experiências vividas marcadas na memória.

O sentido subjetivo é a forma mais essencial da subjetividade humana. Logo, uma vez que se fala em aprendizagem como sendo um processo que não se restringe a simples memorização de conceitos, mas sim um ato de significação do sujeito que aprende e também do sujeito de ensina. Deve-se compreender que em sala de aula os professores devem auxiliar na criação de condições necessárias para uma melhor construção dos sentidos subjetivos dos seus alunos, uma vez que, esses sentidos subjetivos são o resultado da configuração subjetiva que se organiza em torno da experiência vivida (REY, 2005). Por essa razão as experiências vivenciadas pelos alunos em sala de aula devem proporcionar a construção das configurações subjetivas da escola para que essa escola, e o aprendizado levado dela seja de fato significativo para o aluno. O professor deve considerar o aluno como sujeito ativo, reflexivo, capaz de construir e interpretar o mundo ao seu redor. Para que assim esse aluno possa ser construtor de sua própria realidade, dentro e fora de sala.

No Processo de aprendizagem expressam-se diversos sentidos subjetivos, sejam como constituintes das configurações subjetivas que participam desse processo sejam como sentidos subjetivos que se produzem na própria ação de aprender (MARTINEZ; REY, 2012). Seja como for esses processos se inter-relacionam produzindo novas configurações subjetivas que se organizam no curso da aprendizagem as quais podem tornar-se novas configurações da aprendizagem quando se convertem em unidades subjetivas do desenvolvimento do aprendiz (MARTINEZ; REY, 2012).

A produção de sentidos subjetivos está intimamente ligado a personalidade das pessoas. Isso ocorre em todas as esferas da vida do sujeito. É na escola o lugar onde principalmente esses sentidos subjetivos podem e devem ser o tempo todo modificados para uma melhor atuação da pessoa como sujeito em sua vida e na sociedade em que vive.

Mas para isso esses sentidos subjetivos precisam ser configurados de forma que a escola tenha significado para o aluno. Significado esse que faça sentido para o aluno, um sentido que vá além da obrigação de estar na escola, que vá além da obrigação de saber por que tem que saber. O conhecimento aprendido tem que servir de base para que o aluno possa aprendê-lo significativamente. São os sentidos subjetivos mobilizados na ação de aprender os que permitem compreender a “qualidade” da aprendizagem (MARTINEZ; REY, 2012).

Assim os sentidos subjetivos não só auxiliam na aprendizagem como também ajudam a compreender o porquê de aprender, pois assim aprender se tornará uma atividade mais fácil a medida que o aluno tem consciência da importância dessa aprendizagem para sua vida.

Por sua vez as configurações subjetivas por sua vez é um processo inconsciente para a pessoa, mesmo que seus posicionamentos, decisões e reflexões conscientes, no curso da experiência, sejam processos geradores de sentidos subjetivos no desenvolvimento da própria configuração subjetiva. As configurações subjetivas não são, entidades psicológicas a priori da experiência, fazendo com que não possam ser consideradas como determinantes da experiência; elas são a própria experiência como subjetivamente vivida. (REY, 2012, p. 28).

Assim as experiências vivenciadas pelos alunos em sala de aula devem proporcionar a construção das configurações subjetivas da escola para que essa escola, e o aprendizado levado dela seja de fato significativo para o aluno. O professor deve considerar o aluno como sujeito ativo, reflexivo, capaz de construir e interpretar o mundo ao seu redor. Para que assim esse aluno possa ser construtor de sua própria realidade, dentro e fora de sala.

No entanto o que se percebe nas escolas é que quando falamos em escola, aprendizagem, alunos e professores, pensamos em um conjunto muito grande. Muitas vezes até se pensa em um lugar uniforme. Por ter esse formato uniforme, onde as salas de aula estão cheias de vários alunos, que é um pouco difícil o professor, tendo muitas vezes mais de 30 alunos dentro de uma sala, pensar em ter empatia pelos alunos, sendo a empatia a capacidade de entender as percepções, os pensamentos e os sentimentos de outra pessoa, ou seja, seja se colocar no lugar da outra pessoa. No entanto é muito importante que o professor seja capaz de se colocar no lugar de seus alunos, para tentar entendê-los melhor, muitas vezes para mudar sua prática pedagógica, seja porque os alunos não estão entendendo o assunto, seja porque a aula está sendo maçante para esses alunos. Para isso é necessário que o professor dê abertura para que seus alunos possam ser eles mesmos em sala de aula, se o aluno tem dificuldade, o professor deve dar abertura para que esse aluno se expresse verdadeiramente para que possa auxiliá-lo nas matérias. E também é importante que o professor aceite esse aluno incondicionalmente, pode até parecer impossível, já que muitas vezes nem uma mãe aceita seu filho incondicionalmente. No entanto, o professor deve tentar aceitar, seus alunos, mesmo que não aprove sua conduta, o professor deve aceitar esse aluno.

Pensando no modelo de escola que parece vigente em nosso país, que é uma escola uniforme e hierarquizada, quando se fala em sala de aula, logo vem a mente um lugar quadrado, fechado por quatro paredes, onde ficam carteiras enfileiradas, uma atrás da outra, onde sentam os alunos, um olhando para a nuca do colega da frente, e essas carteiras ficam

todas voltadas para um grande quadro onde a sua frente tem uma mesa, onde fica o professor. Com essa imagem é fácil pensar no porque de muitas vezes as salas de aula terem seus alunos “inquietos”, “problemáticos”, “difícultosos”, pois ficar horas de seu dia sentado assim é uma tarefa muito difícil, os alunos não são uma máquina de receber informações, ele tem um corpo que quer estar em movimento, uma cognição que precisa de desafios verdadeiros para se desenvolver cada vez mais, e uma afetividade que precisa ser considerada. Por essa razão é dever do professor incluir em sua prática pedagógica, quando for ensinar a seus alunos, esses aspectos. O professor deve tentar desenvolver atividades que consigam considerar esses três aspectos do aluno.

Por isso faz-se necessário que se considere a subjetividade dos alunos para que esse aluno possa se constituir como sujeito. Sujeito esse que é um ser ativo, reflexivo, capaz de construir e interpretar o mundo ao seu redor, esse sujeito é formado e formador de sua sociedade.

Por fim é importante que se considere esses aspectos da subjetividade, o sentido subjetivo, as configurações subjetivas e muito mais o sujeito, no processo de aprendizagem escolar. É dever do professor proporcionar meios, caminhos de possibilidades e vivências que auxiliem o aluno em sua formação.

## CAPÍTULO 3

### PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa educacional, ao desenvolver-se por meio de uma metodologia busca obter novos conhecimentos em determinados campos da realidade, sendo o caso particular desta pesquisa, buscar conhecimentos acerca da concepção dos professores de subjetividade no processo de aprendizagem dos alunos. De acordo com Gil (1999, p.42), “a pesquisa social pode decorrer de razões de ordem intelectual, quando baseadas no desejo de conhecer pela simples satisfação para agir”.

A presente pesquisa tem uma abordagem qualitativa, já que por meio dessa perspectiva, os fenômenos podem ser melhor compreendidos no contexto no qual ocorrem e do qual são parte. E no caso específico da subjetividade, é a melhor maneira de tentar compreender esse elemento.

Uma vez que a subjetividade representa uma realidade que não é acessível de forma direta ao investigador e que tampouco pode ser interpretada de forma padronizada por manifestações indiretas que sejam sucessíveis de generalização (REY, 2005).

Isso ocorre porque as expressões de cada sujeito ou espaço social estão implicadas em sistemas de sentidos diferentes que têm trajetórias próprias, e cujos sentidos tem de ser descobertos no contexto em são produzidos (REY, 2005).

Esse tipo de abordagem caracteriza-se por ser descritiva ainda, pois “(...) as práticas sociais e o modo de vida e o ambiente em que vivem os participantes são descritos.” (FLICK, 2013, p. 23).

Essa pesquisa possui ainda caráter exploratório qualitativo, pois, de acordo com Gil (2002, p. 41), esse tipo de pesquisa objetiva “(...) proporcionar maior familiaridade com o problema, com vista a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses.”. As pesquisas qualitativas exploratórias permitem aos participantes pensar e expressar livremente sobre determinado tema, conceito ou objeto.

#### **Contexto da Pesquisa**

A pesquisa foi realizada em uma Escola Pública do Distrito Federal, que fica na Asa Norte de Brasília. A pesquisa foi feita em algumas etapas onde, na primeira etapa foi feita

uma visita à escola para explicar sobre o que se tratava. A escola foi bastante receptiva, apesar de os professores estarem em uma semana conturbada devido às provas e correção de provas dos alunos.

A escola onde a pesquisa foi feita não era muito grande e tem um caráter especial, uma vez que se localiza dentro de uma Vila Militar, assim a escola tem em sua composição, professoras que são esposas de militares e também alunos que são filhos de militares.

A escola apesar de pequena é muito bem organizada em vários aspectos. Suas salas são pequenas e suportam um número de alunos pequeno, mas é muito bem dividida e ilustrada.

A escola atende apenas alunos da educação básica séries iniciais e alunos da educação infantil. Cada ano tem apenas uma sala que tem em média quinze (15) a vinte (20) alunos. Em algumas salas tem alunos da educação especial. Esses alunos no começo eram colocados em uma sala especial em um turno contrário onde sobrava essa sala, mas eles foram sendo incluídos nas salas de aula juntos com os outros alunos a medida que os professores entenderam que eles conseguiriam estar nessas salas.

No geral a escola tem uma boa estrutura e bons professores, e também conta com a ajuda do Quartel que fica ao lado da Vila Militar onde a escola se localiza. Essa ajuda é através de atividades e até mesmo doações por parte do Quartel. As atividades realizadas pelo Quartel para a escola envolvem equitação, e a utilização do campo de futebol localizado ao lado da escola. Na atividade onde os alunos vão ao campo de futebol os militares preparam um lanche para depois das atividades os alunos comerem e depois voltarem para escola e assim irem para casa.

### **Participantes**

Os participantes da pesquisa foram dez (10) professores da educação básica de uma Escola Pública de Brasília. Foram aplicados dez (10) questionários, pois a escola possui apenas, dez (10) professores. Todos os questionários foram devolvidos respondidos.

Quanto à média de idade, os professores e professoras participantes do estudo possuem uma média de 40 anos. 90% dos professores são mulheres e apenas 10% homens, isso na escola toda.

Quanto à formação 70% dos professores possuem graduação e 30% são pós-graduados em educação. 80% dos professores são casados, 10% solteiros e 10% divorciados.

A média de filhos é de 2 filhos por professor. E quanto a religião 40% dos professores são católicos, 30% evangélicos, 20% espíritas e 10% alega não possuir religião alguma.

### **Instrumento**

Em relação ao instrumento usado para a obtenção de informações para a pesquisa, questionários foram aplicados no mês de maio de 2015, a fim de explorar as opiniões de professores ou professoras acerca das concepções dos professores sobre a subjetividade no processo de aprendizagem dos alunos. Ao total, dez (10) questionários foram obtidos, mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

O questionário, de acordo com Gil (1999), é "(...) a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevados de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, (...) expectativas, situações vivenciadas etc." (p. 128). Como principais vantagens do questionário, está a possibilidade de atingir uma grande quantidade de pessoas, garantindo o anonimato das respostas. Quanto ao tipo, o questionário pode ser composto por questões fechadas, nas quais é apresentado ao respondente alternativas de respostas para que ele escolha aquela que melhor representa o seu ponto de vista ou situação; por questões abertas, em que logo abaixo da pergunta há um espaço em branco, para que o respondente escreva a sua resposta sem restrições; e por questões dependentes, em que a resposta para uma questão depende da resposta dada a outra questão.

O questionário continha no total quatro (4) perguntas, feitas aos professores para tentar responder ao objetivo da pesquisa que foi analisar como os professores concebem a subjetividade de seus alunos no processo de aprendizagem escolar. Os objetivos específicos que foram verificar como os professores consideram a subjetividade no processo da aprendizagem dos alunos em sua prática pedagógica e o de investigar como os professores planejam sua prática pedagógica para um aprendizado significativo de seus alunos.

## CAPÍTULO 4

### **Análise e Interpretação dos Resultados**


Análise possui como objetivo, de acordo com Gil (1999) organizar e resumir as informações de maneira que tornem possível o fornecimento de respostas ao problema de pesquisa. Na interpretação, o objetivo é procurar um sentido mais amplo das respostas a partir de sua ligação a conhecimentos obtidos anteriormente.

A análise qualitativa pode ser definida como uma sequência de atividades, envolvendo a abstração seleção das informações, sua categorização e interpretação. (GIL, 2002). A análise e interpretação são dois processos que, apesar de sua distinção conceitual, se encontram estreitamente relacionados.

Conforme os procedimentos de análise, as informações obtidas pelos questionários foram dispostas em 8 categorias. Cada categoria refere-se a uma pergunta do questionário e envolve diversos termos que foram agrupados em classes conforme a relação semântica entre as respostas dos participantes.

É preciso frisar que o número de ocorrências das classes em cada categoria refere-se à quantidade de vezes que determinada palavra, termo ou expressão apareceu ao longo das respostas nos questionários, e não ao número de participantes do estudo.

**Quadro 1 – Categoria 1 – A concepção dos Professores sobre o conceito de Subjetividade**

 Classes	Nº de Ocorrência
Algo Individual <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Concepção individual sobre determinado assunto</li> <li>➤ Vem do sujeito e trata-se do individual, pessoal</li> <li>➤ Percepção própria da pessoa sobre os fenômenos</li> <li>➤ Algo proporcionado pela visão do indivíduo</li> <li>➤ Forma particular de ver e interagir com o mundo</li> <li>➤ Questão de foro íntimo do sujeito</li> </ul>	9
Concepção do sujeito a respeito de algo <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Juízo de valor que se tem sobre algo</li> <li>➤ Concepção individual sobre determinado assunto</li> <li>➤ Percepção própria dos fenômenos</li> <li>➤ Algo que leva a resposta com aspectos não concretos</li> <li>➤ Maneira de interpretar e analisar diversos temas e assuntos</li> </ul>	5
Relacionado a Experiências <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ A partir das vivências, experiências</li> <li>➤ É formada pela experiência própria dos alunos</li> <li>➤ Depende das experiências vividas</li> </ul>	3
Relacionado ao comportamento <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Conjuntos de fatores que somados indicam: comportamento ação</li> </ul>	2

No primeiro quadro quando perguntado aos professores sobre suas concepções a respeito da subjetividade, as respostas no geral foram homogêneas. 90% dos professores dizem que a subjetividade é algo individual do sujeito, uma concepção individual a respeito de determinados assuntos.

Já 30% dos professores vão mais além e dizem que a subjetividade, além de ser algo de foro íntimo do sujeito, ela advém das experiências vivenciadas pelos alunos, dentro e fora de sala.

E 20% dos professores ligam a subjetividade ao comportamento dos alunos, afirmando que é um conjunto de fatores que somados resultam no comportamento e na ação do indivíduo.

De modo geral, percebe-se que os professores tem uma boa ideia da concepção de subjetividade. Mesmo não sendo uma concepção formal e advinda do estudo sobre a subjetividade, mas vinda, no geral do senso comum. Claro que não se deve desconsiderar aqui



a concepção trazida pelos professores por ser mais embasada no senso comum. Até porque essa concepção, obviamente, não está errada, e essa visão de senso comum também tem suas bases científicas, uma vez que em algum momento em suas formações os professores devem ter se deparado com esses temas em algumas disciplinas.

E também por que, a questão da subjetividade vem sendo discutida com muita ênfase nas últimas décadas, quando se percebeu que diversas situações humanas vividas pela sociedade contemporânea podem ser compreendidas quando analisadas a partir da subjetividade ( Scoz; Tacca; Castanho, 2012, p. 131).

A subjetividade está presente no processo de ensino e aprendizagem a medida que ela se configura nesses processos, um momento constitutivo essencial, definido pelo sentido que eles têm para o sujeito, dentro da condição singular em que se encontra, ou seja, os processos de ensino e aprendizagem inserem-se em suas trajetórias de vida ( Scoz; Tacca; Castanho, 2012, p. 131). Parte dos professores tem de certo modo uma noção a respeito disso, pois afirmam que a subjetividade advém das experiências e vivências dos alunos, dentro e fora de sala de aula.

É importante que os professores tenham essa concepção de que a subjetividade é constituída também pelas experiências e vivências dos alunos, pois assim eles podem proporcionar uma melhor forma de elaborar sua prática pedagógica que auxiliem no processo de ensino e aprendizagem.


No entanto o que se vê na escola básica principalmente que é muito difícil encontrar caminhos no processo de ensino e aprendizagem que levem a superação de entraves que se colocam frente a continuidade dos processos de escolarização de muitas crianças e jovens. E seria através da subjetividade dos alunos que os professores poderiam encontrar meios e caminhos que proporcionassem essa melhor aprendizagem.

Desse modo poderia ser extinta a representação do ensino como uma exposição do mestre que estimula uma posição passivo-reprodutiva em relação com o aprendido (Rey, 2005). E assim o ensino possa passar para uma posição um tanto mais criativa e reflexiva por parte dos alunos. Uma vez que os alunos não apenas reproduzam o que aprendem e tomem aquilo como verdade absoluta e algo fechado, eles possam entender que aquele aprendizado não é somente para passar em uma prova, mas para que ele possa utiliza-lo em seu cotidiano de modo crítico e reflexivo.

Por fim é necessário e muito importante que os professores tenham uma noção, não apenas superficial, mas um tanto mais aprofundada a respeito do que é a subjetividade e como

o professor pode considerá-la em sua prática pedagógica em sala de aula para um aprendizado significativo de seus alunos.

**Quadro 2 – Categoria 2 – A concepção dos professores sobre aprendizagem significativa**

 Classes	Nº de Ocorrência
Novos Conhecimentos relacionados com antigos <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Como novos conhecimentos se relacionam com o anterior</li> <li>➤ Quando o aluno adquire novos conhecimentos</li> <li>➤ Não devendo ser negados conteúdos anteriores</li> <li>➤ O professor deve buscar o conhecimento prévio que cada aluno tem sobre o assunto ministrado</li> <li>➤ Baseado naquilo que o educando já conhece</li> </ul>	5
Aprendizagem que tenha significado para a vida do aluno <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Aquela que irá trazer resultados significativos para a vida dos alunos</li> <li>➤ Aquela onde o educando realiza ligação entre o objeto do conhecimento e sua realidade e tenha valor para sua vida</li> <li>➤ Um conhecimento método que tenha ou não relevância para a vida do aluno</li> <li>➤ Conhecimento que de alguma forma tenha significado para o aluno ligado com seu cotidiano</li> </ul>	5

No quadro 2 está expressada as respostas dos professores a respeito da pergunta sobre a concepção deles a respeito da aprendizagem significativa. As respostas para essa pergunta foram bem divididas em duas categorias expressas no quadro acima.

A primeira categoria de resposta diz respeito a ligação da aprendizagem significativa com o conceito real de aprendizagem significativa, que é a relação do novo conhecimento com os conhecimentos prévios dos alunos.

Essa resposta mostrou que 50% dos professores tem uma visão de aprendizagem significativa que expressa seu mais considerado conceito hoje, que seria justamente esse resgate dos conhecimentos prévios dos alunos para dar suporte ao novo conhecimento que será ministrado.

A aprendizagem é muito mais significativa à medida que o novo conteúdo é incorporado às estruturas de conhecimento de um aluno e adquire significado para ele a partir da relação com seu conhecimento prévio (Pelizzari; Kriegl; Baron; Finck. 2002, p38).

No entanto não basta apenas entender o conceito, esses professores precisam colocar em prática o real significado do conceito para que essa aprendizagem não se torne mecânica ou repetitiva, uma vez que se produziu menos essa incorporação e atribuição de significado, e o novo conteúdo passa a ser armazenado isoladamente ou por meio de associações arbitrárias na estrutura cognitiva (Pelizzari; Kriegl; Baron; Finck. 2002, p38).

A aprendizagem mecânica ou repetitiva é o que no geral ocorre nas salas de aula das escolas. É possível perceber isso desde a educação básica séries iniciais, onde os alunos uma das primeiras coisas que aprendem é a decorar a tabuada. Ao invés de os professores tentarem explicar que, por exemplo, a subtração é o oposto da soma, que se você tem 5 bananas e tira 3 fica com 2 bananas, assim como se você soma de volta essas mesma 3 bananas as 2 que restaram você vai ter de volta suas 5 bananas iniciais. É mais fácil para os professores reproduzirem a prática que já vem de muito tempo, que é fazer os alunos decorarem a tabuada por meio de até mesmo competições, do que tentar explicar a lógica que há por trás das quatro operações básicas. E isso é mais grave uma vez que essas quatro operações básicas da matemática vão seguir o aluno sua vida escolar inteira e também sua vida fora da escola. Se o aluno aprendesse a pensar a tabuada e não decora-la, provavelmente quando fosse aprender conteúdos como problemas matemáticos e expressões numéricas, fosse muito mais fácil sua compreensão.


A aprendizagem criativa nesse sentido é de extrema importância, uma vez que aprender não se reduz a processar, elaborar, fixar, organizar e significar informação, mas constitui um processo que a todo momento, inclui produções subjetivas de quem aprende através de sua imaginação e de sua fantasia, ambos inseparáveis da construção intelectual pessoal, singular e, portanto criativa (Martínez; Rey, 2012, p. 63).

Outra resposta, que metade dos participantes deram foi a de que, a aprendizagem significativa era significativa para o aluno quando tinha significado na vida do aluno. Os professores responderam que uma aprendizagem era significativa a medida que aquilo que foi aprendido pudesse ser utilizado pelo aluno em sua vida fora da escola, que fosse ligado com o cotidiano desse aluno.

Percebe-se da afirmação acima que os professores de certo modo tem noção de que a aprendizagem significativa influencia na vida fora da escola dos alunos. O que foi aprendido, se foi significativamente aprendido, então poderá ser utilizado pelo aluno em seu cotidiano sem dúvida. Pois aquele conteúdo vai passar a fazer parte da vida do aluno e assim ele poderá aplicá-lo em todos os contextos em que vive.

Por fim é importante que os professores entendam o conceito de aprendizagem significativa, uma vez que é isso o que eles precisam proporcionar a seus alunos em sala de aula, uma aprendizagem realmente significativa.

**Quadro 3 – Categoria 3 – Como os professores consideram a subjetividade dos alunos em suas Práticas Pedagógicas**

 Resposta Classes	Nº de Ocorrência
Meio de chegar a aprendizagem ➤ Caminho para se resolver problemas ➤ Meios de conhecer a visão dos alunos sobre o conteúdo ➤ Necessário interagir com as ideias e conceitos diferentes dos alunos	3

No quadro 3 encontra-se a pergunta referente a como os professores consideram a subjetividade dos alunos em suas práticas pedagógicas. Essa pergunta teve o intuito de entender como os professores veem a subjetividade de seus alunos de um modo mais prático.

Nessa pergunta as respostas dos professores foram bem variadas. No quadro acima se encontra a resposta que mais foi de certo modo homogênea e mais comum a 30% dos professores pelo menos.

Essa resposta foi que os professores consideram a subjetividade em sua prática pedagógica como um meio de chegar a aprendizagem, eles afirmam que a subjetividade em suas praticas pedagógicas seriam um caminho para se resolver problemas, por exemplo, em sala de aula. Quando um aluno tem dificuldade, ele pode tentar de certo modo compreender de que forma seria melhor para explicar aquele assunto ao aluno com dificuldades.

Afirmam também que a subjetividade em suas práticas pedagógicas seria um meio de conhecer a visão do aluno a respeito do conteúdo que o professor está ensinando, e que essa subjetividade é necessária em suas práticas para interagir com as ideias e conceitos diferentes que os alunos trazem de seus conhecimentos prévios.

Essa concepção dos professores mostra que alguns tentam levar em consideração a subjetividade de seus alunos na prática, quando afirmam que tentam procurar meios através da subjetividade dos alunos que tem dificuldade de tentar manobrar essa dificuldade, com outra forma de ensinar que talvez seja mais inteligível ao aluno com dificuldade.

Sendo o processo de aprendizagem compreendido por González Rey (2012) como uma produção da pessoa que aprende. É realmente importante e necessário que esses professores tenham essa visão mais prática a respeito da subjetividade na aprendizagem de seus alunos. Assim o caráter singular da aprendizagem deve obrigar aos professores pensar em práticas pedagógicas sobre os aspetos que propiciam o posicionamento do aluno como sujeito da aprendizagem, o que necessariamente vai implicar o aluno com suas experiências e ideias no espaço do aprender (Rey, 2005)

No entanto 70% das respostas, assim a maioria das respostas, foram muito diversificadas, onde se percebeu que os professores não tinham muito ideia de como considerar essa subjetividade dos alunos em sua prática pedagógica.

Algumas respostas foram confusas como “há limites para a subjetividade”, não se sabe se a pergunta não foi muito bem compreendida, ou se o professor não sabia como considerar a subjetividade de seus alunos em sua prática pedagógica.

Outra resposta confusa foi “considero satisfatória”, assim como a consideração acima, também não se pode entender se o professor não compreendeu a pergunta ou se ele não soube responder.

Em outras respostas os professores consideram apenas que é importante a consideração da subjetividade em suas práticas pedagógicas, no entanto ele não cita o porque dessa importância. Afirmar apenas que é importante não justifica muita coisa e nem dá bases para verificar se esse professor considera ou não a subjetividade de seus alunos em suas praticas pedagógicas.

Em outra resposta o professor faz uma certa crítica a escola. Afirmando que tenta considerar a subjetividade de seus alunos nas suas práticas, no entanto isso fica complicado uma vez que a escola incentiva de certo modo a competição entre os alunos onde só o melhor é beneficiado e o resto é dito como inferior.

É possível ver pela variação das respostas a grande dificuldade dos professores de considerar na pratica a subjetividade de seus alunos. Seja porque não compreendem bem como fazer isso ou seja pelo modelo de escola que se tem hoje. A escola mesmo não ajuda na tentativa de considerar a singularidade dos alunos em sua forma de aprender, incentivando que todos devem aprender ao mesmo tempo e do mesmo modo as mesmas coisas e que quem não conseguir isso será excluído.


É muito importante que os professores tenham o entendimento de que no processo de aprendizagem expressam-se diversos sentidos subjetivos, sejam como constituintes das

configurações subjetivas que participam nesse processo sejam como sentidos subjetivos que se produzem na própria ação de aprender (Rey, 2012, p. 62)

É necessário compreender também que são os sentidos subjetivos mobilizados na ação de aprender os que permitem compreender a “qualidade” da aprendizagem (Rey, 2012, p.62). Por isso é importante que os professores considerem em suas práticas pedagógicas a subjetividade de seus alunos, para que a escola e a ação de aprender tenha “qualidade” para o aluno, para que ele consiga entender a escola como sendo um espaço para seu crescimento em todos os sentidos e não algo que seja uma obrigação.

Considerar em sua prática pedagógica a subjetividade de cada aluno é tentar proporcionar um melhor ensino para esses alunos, um ensino de qualidade.

**Quadro 4 – Categoria 4 – Como os professores consideram as diferentes formas de aprender de seus alunos em suas aulas e como os professores sabem que seus alunos tiveram uma aprendizagem significativa**

 Classes	Nº de Ocorrência
Através de Provas formais, atividades e perguntas em sala <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Através das avaliações formativas</li> <li>➤ Fazemos atividades de consolidação de aprendizagem</li> <li>➤ Por meio de atividades e perguntas em sala</li> <li>➤ Pela forma que o aluno expressa o que aprendeu nas avaliações e atividades</li> <li>➤ Exigindo o raciocínio dos alunos nas provas e atividades</li> <li>➤ Dando liberdade aos alunos quando eles constroem seu conhecimento através dos exercícios e atividades</li> <li>➤ Buscando atividades que atinjam o conhecimento de várias formas</li> <li>➤ Faço uso da dialética</li> </ul>	9

No quadro acima está posta algumas respostas que foram praticamente de consenso entre os professores a respeito da pergunta que como os professores consideram as diferentes formas de aprender de seus alunos em suas aulas e como os professores sabem que seus alunos tiveram uma aprendizagem significativa.

Grande parte dos professores, 90% deles, concordou que é importante considerar as diferentes formas de aprender dos alunos, pois cada aluno é um indivíduo único que aprende de diferentes maneiras.

No entanto a forma que eles consideram as diferentes formas de seus alunos aprender em suas aulas é ainda de forma bem tradicional. Através de provas formais, atividades e perguntas feitas em sala de aula. Grande parte dos professores considera que a forma mais completa, digamos assim, de verificar e considerar as diferentes formas de aprender de seus alunos é através da tradicionalidade das provas formais e atividades em sala de aula.

É possível perceber daí que os professores mesmo considerando que cada um de seus alunos são sujeitos únicos e aprendem de maneiras diversas, a forma de tentar perceber essas diferentes formas de aprender ainda é baseada no modelo formal, apenas por provas. Assim o aluno até tem formas diferentes de aprender, no entanto se ele não tirar uma boa nota na avaliação formal que o professor fizer, significa que ele não aprendeu.

Parece aqui que os professores até tem a compreensão da subjetividade dos alunos, no entanto não sabem verificar isso na prática. Como afirma Tacca e Rey (2008) *apud* Rey (2006)

os alunos, ao frequentarem a escola, são orientados a utilizar, dentre todas as suas funções, quase que exclusivamente as funções cognitivas e intelectuais, em especial a memória, com base nas habilidades de atenção e concentração, o que faz com que a função reflexiva produtiva e personalizada da aprendizagem fique em segundo plano, por não participar do foco das atividades propostas.

Assim não é dada a oportunidade para os alunos de expressarem o que aprenderam de outra forma que não seja através de uma prova escrita onde as perguntas tem que ser respondida de forma certa a respeito de conceitos que, mais foram memorizados do que de fato compreendido.

A reflexão ai é deixada de lado e todo o conceito que o professor tem a respeito da subjetividade de seus alunos, as diferentes formas de aprender deles acaba não sendo colocada em prática.

Algumas respostas também salientaram o fato de que o próprio currículo escolar é um elemento que atrapalha de certa forma essa expressão da subjetividade na aprendizagem dos alunos. Uma vez que ao final de um determinado período os alunos devem ter determinada nota para que possa passar ou não em uma determinada matéria. E isso acaba levando os

professores a não pensarem em formas diferentes de avaliar essa aprendizagem que não seja por meio de provas.

No entanto é necessário compreender a prática pedagógica como,

ação de um sujeito consciente e ativo, ou seja, práticas singulares que organizam contextos educacionais que, por sua vez, passam a constituir situações sociais de desenvolvimento, com a possibilidade de serem, assim, vivenciadas como processos de aprendizagem (Coelho, 2012, p.112)

Desse modo as práticas pedagógicas dos professores devem ser voltadas para os alunos de forma que a ação de ensinar deve ser feita de tal forma que auxilie e proporcione uma aprendizagem significativa para os alunos.

E essas ações planejadas pelos professores, que são suas práticas pedagógicas devem ser feitas não apenas por exigências curriculares, e devem ser idealizadas pelos professores como sujeitos e seus processos nos quais intervêm sistemas simbólico-emocionais configurados ao longo das experiências de vida de cada um, em dimensões subjetivas (Coelho, 2012, p.113).

Assim ainda segundo Coelho (2012) práticas pedagógicas são, simultaneamente, capazes de possibilitar mudanças “para fora”, bem como mudanças transformadoras “para dentro”. Ou seja, as práticas pedagógicas dos professores não podem e nem devem se restringir apenas a currículos escolares fechados e delimitados. A aprendizagem dos alunos não pode ser verificada somente através de provas formais feitas por algumas horas, para saber se o aluno memorizou conceitos.

As avaliações também são parte da forma como os professores compreendem a subjetividade no processo de aprendizagem de seus alunos. Dessa forma não é possível que o professor diga que considera essa subjetividade se na sua forma de verificar se o aluno aprendeu o conteúdo ensinado, ele volta para a tradicionalidade e memorização de conceitos. Não incentivando assim a ação reflexiva e criativa de seus alunos.

Não são poucas as formas que o professor pode tentar verificar essa aprendizagem do aluno. Às vezes o aluno não conseguiu memorizar um conceito, por esse conceito ser complexo para ele no sentido de que aquele conceito apenas memorizado não tenha significado para o aluno, assim o aluno fica sem motivação para aprender ou apenas memorizar. E isso não significa que o aluno não seja capaz de aprender aquilo.



Por fim é muito importante que os professores tenham a noção de se atentar na prática para essas diferentes formas de aprender de seus alunos. Que não fique apenas na teoria, mas que possa passar para a prática pedagógica do professor dentro de sala de aula.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O capítulo anterior tentou verificar a concepção dos professores sobre a subjetividade no processo de aprendizagem de seus alunos. Foi possível verificar nesse capítulo que mesmo que os professores tenham noção a respeito do que seja subjetividade, que ela é importante em suas práticas pedagógicas para atentar para as diferentes formas de aprendizagem dos alunos, para que essa aprendizagem seja significativa. No entanto o que se percebeu foi que na prática esses professores não consideram essa subjetividade uma vez que na hora de verificar a aprendizagem dos alunos, eles ainda fazem uso das avaliações formais como as provas fechadas onde os alunos precisam decorar conceitos para mostrar se aprenderam ou não o conteúdo dado.

De certa forma essa posição dos professores se mostra contraditória. Uma vez que para considerar a subjetividade dos alunos em seu processo de aprendizagem para uma aprendizagem realmente significativa é necessário que esses professores não atentem apenas para se o aluno decorou ou não determinado conteúdo. Mas que se esse aluno é capaz de aplicar o conteúdo aprendido de alguma forma, se esse aluno consegue levar esse conteúdo para fora da sala de aula, se consegue aplicar as suas vivências e cotidiano. Aplicação essa que deve ser reflexiva e construtiva a medida que esse aluno é um sujeito ativo da sociedade em que vive, e que ele é sim constituído por essa sociedade mas que também a constitui através de sua subjetividade.

É na escola onde a maioria das pessoas do mundo todo passa grande parte de suas vidas. Estudando e socializando com todos que estão na escola. Assim a escola possui um papel de extrema importância na vida e na constituição do sujeito.

Hoje praticamente desde que o sujeito nasce ele está na escola. A escola ocupa grande parte do tempo de um sujeito. Em seus anos iniciais, antes do trabalho esse sujeito passa sua vida se dedicando a escola e a aprender. Sua vida, seus desejos, sentimentos, vivências e experiências vão ser constituídas na e pela escola.

Dada essa grande importância da escola é de extrema importância e necessidade que essa escola seja um local onde o aluno se constitua como sujeito. Um sujeito que é reflexivo, que é ativo, que como já foi dito, seja também constituinte da sociedade em que está inserido.

Assim cabe ao professor, que querendo ou não é sim o sujeito que tem um papel muito importante, ser quem vai auxiliar nessa constituição do aluno como esse sujeito. É o professor que tem o principal papel de mediador do processo ensino e aprendizagem na escola.

E é exatamente por esse motivo que o professor deve em sua prática pedagógica considerar a subjetividade de seus alunos. Não apenas compreender que ela é importante. Não basta que o professor entenda o que é subjetividade, entenda o que é uma aprendizagem significativa, se ele não considerar essas questões em sua prática pedagógica dentro de sala de aula.

Considerar as diferentes formas de aprender dos alunos implica em compreender que não é somente porque o aluno tirou uma nota baixa em uma prova de verificação de aprendizagem de conceitos, que ele não é capaz de aprender.

É pela consideração da subjetividade no processo de aprendizagem dos alunos que o professor deve mudar sua prática pedagógica em sala de aula. As vezes com uma aula diferente. Por exemplo, no estudo sobre o ciclo da doença de chagas, se o professor em sala de aula utilizar uma animação, ao invés de apenas explicar através de memorização de nomes e conceitos sobre o assunto, o aluno pode relembrar esse assunto apenas pelo fato de ter visto aquele ciclo por meio de animação e não apenas por meio de uma aula expositiva. O aluno pode até não ter decorado exatamente o que está escrito no livro sobre como é esse ciclo, mas pode lembrar como é o ciclo voltando a animação. E através disso o aluno pode sim memorizar com mais facilidade os conceitos do livro porque aquilo como foi visto, pode fazer bem mais sentido do que se o professor tivesse apenas falado sobre o assunto.

Isso leva também a um outro problema da escola de hoje, que é a forma padronizada e hierarquizada, todos os alunos devem aprender todas as coisas na mesma hora e da mesma forma. Quer dizer é muito comum ouvir que se um aluno da sala conseguiu entender assim então todos podem entender também. Pode ser que sim, pode ser que todos possam compreender também aquele assunto, mas não na mesma hora e nem da mesma forma. As vezes um aluno tem mais maturidade para compreender determinado assunto e outro não. Maturidade essa que pode sim ser biológica mas não principalmente biológica pode ser maturidade também em relação ao assunto. Como já foi exposto a aprendizagem significativa acontece quando o aluno consegue fazer a relação entre os conceitos já aprendidos e os novos que serão aprendidos. Então se o aluno não aprendeu de fato determinado assunto, que é prévio ao novo assunto, sua aprendizagem do novo assunto será um pouco mais difícil. O aluno vai precisar decorar aquilo sem entender direito.

A memorização é sim uma parte importante da aprendizagem, não se pode negar isso, no entanto ela deve ser apenas um elemento para auxiliar na aprendizagem significativa. Claro que para aprender outros conteúdos, os conhecimentos anteriores devem estar memorizados. Por isso a memória é importante. No entanto ela é apenas um elemento, que

seria básico na aprendizagem. Ela não deve ser o principal dessa aprendizagem. Não se deve incentivar os alunos a apenas decorarem a tabuada, é necessário tentar fazer com que eles entenda essa tabuada, compreendam as quatro operações básicas da matemática para que futuramente seja mais fácil quando ele tiverem que aprender expressões numéricas por exemplo.

Aprender não é apenas decorar conceitos científicos que estão em um livro e são tomados como únicos e verdades absolutas. Os conceitos científicos são importante, claro, mas eles devem servir como base para que o aluno compreenda a sociedade em que vive e os elementos que a compõe para que possa refletir sobre eles e sobre essa sociedade e verificar o que está de certo modo “valendo ainda para aquela sociedade” ou não. Pois cada época, cada tempo é uma historia diferente da sociedade. Se as pessoas começarem a tomar todos os conceitos como verdades absolutas, nada nunca será modificado, tudo sempre será a mesma coisa, seria quase como parar no tempo. E as sociedades são organismos vivos e estão em constante modificação. Cada tempo e cada história são um tempo e história diferente daquela sociedade.

Por fim considero que a educação sozinha não muda o mundo, mas tão pouco sem ela o mundo vai mudar. A educação é um elemento essencial na vida dos sujeitos e na sociedade em que estão inseridos. Por essa razão faz-se importante que os professores, sujeitos principais da mediação entre o ensino e a aprendizagem na escola, tenham consciência da importância que é considerar a subjetividade de seus alunos em suas aulas. Para auxiliar na vivencia e experiências desses alunos, para que esses alunos se constituam como verdadeiros sujeitos ativos e reflexivos do lugar onde estão.

### PARTE III

#### PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Chegando a esse ultimo momento de minha monografia, é impossível não começar a pensar no que será do futuro. Uma vez que a partir de quando entregar o trabalho terminado e apresenta-lo minha rotina muda completamente.

Depois de 4 anos e meio tendo a mesma rotina, de vir sempre a universidade, estudar, pegar matérias, fazer trabalhos, escrever artigos e textos, ler vários livro e artigos. Agora percebo que, bom, de certo modo isso terminou. Agora é tentar pensar o que vem para depois.

Não sei bem quando isso começou em minha vida, mas desde que me lembro no começo do ensino médio, comecei a ser o tipo de pessoa que sempre tem algo planejado para o futuro. Pensava “assim que terminar o colégio quero ir direto para a faculdade, já sei meu curso e tenho noção das minhas notas”, e então entrei na UnB para fazer Pedagogia. No decorrer do curso lembro de ter pensado em muitas possibilidades, fiz estágios na minha área em escola, fiz estágio na minha área mas em empresas. E a partir dai decidi e comecei a planejar o que queria depois de se formar. Queria ser realmente professora da educação básica. Pedagogia é um curso que tem um leque de possibilidades, no entanto sei que quero mesmo estar dentro de uma sala de aula ensinando e aprendendo com o alunos.

No decorrer do curso também descobri a pesquisa. E realmente me apaixonei por essa área. Depois que fiz PIBIC, decidi que além de ensinar em sala de aula eu queria seguir carreira acadêmica. Quero ser pesquisadora, talvez até voltar a UnB daqui a uns anos, até mesmo para a Faculdade de Educação e ser uma professora daqui.

Assim pretendo sim ser um professora, a melhor que puder ser da educação básica primeiramente. E continuar estudando, fazer uma pós-graduação e se tudo der certo, já engatar um mestrado e logo depois um doutorado.

É como meus pais sempre dizem “tem que aproveitar para estudar muito enquanto você é nova e tem seus pais para te ajudar, se qualifique e consiga na sua área sempre o melhor”. E é isso que pretendo, buscar sempre fazer o melhor na área em que estou. Mas é claro que não posso desconsiderar e dizer que meu futuro a Deus pertence, eu planejo tudo o que quero e sempre vou buscar o que quero da melhor forma, com muito esforço, mas meu futuro Deus sabe o que está reservado.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AITA, Elis Bertozzi ; FACCI, Marilda Gonçalves Dias. Subjetividade: Uma Análise Pautada na Psicologia Histórico-Cultural. Artigo Científico. **Psicologia em Revista**, v. 17, Belo Horizonte. 2011

ANDERSON, Jhon R. **Aprendizagem e Memória**. Uma Abordagem Integrada. 2.ed. Ltc. Rio de Janeiro. 2005

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

FLICK, U. **Introdução à metodologia de pesquisa**: um guia para iniciantes. Tradução de Magda Lopes. Porto Alegre: Penso, 2013.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. - São Paulo : Atlas, 2002.

MARTÍNEZ, Albertina; SCOZ, Beatriz Judith Lima; CASTANHO, Marisa Irene Siqueira (orgs.). **Ensino e Aprendizagem: A Subjetividade em Foco**. Brasília, Liber Livros, 2012, 280 p.

\_\_\_\_\_. **Métodos e Técnicas da Pesquisa Social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MOREIRA, Marco Antônio. **O Que e Afinal Aprendizagem Significativa?**. Aula Inaugural do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Naturais, Instituto de Física, Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, MT, 23 de abril de 2020. Aceito para publicação, *Qurriculum*, La Laguna, Espanha, 2012.

Moreira, M.A., Caballero, M.C. e Rodríguez, M.L. (orgs.) (1997). **Actas del Encuentro Internacional sobre el Aprendizaje Significativo**. Burgos, España. pp. 19-44.

REY, Fernando Luiz González. **Sujeito e Subjetividade: Uma Aproximação Histórico-Cultural**. São Paulo, Pioneira Thomson Learning, 2005, 300 p.

REY, Fernando Luis González . A pesquisa e o tema da subjetividade em educação. **Psicologia da Educação** - Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados (PUC/SP), n.13, p. 9-16, 2001.

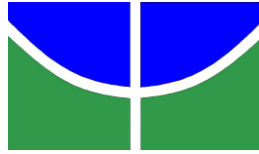
REY, Fernando Luis González . **Subjetividad social, sujeto y representaciones sociales**. Diversitas (Bogotá), v. 4, p. 17-35, 2008.

ROSSATO, Maristela. **O Movimento da Subjetividade no Processo de Superação das Dificuldades de Aprendizagem Escolar**. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação. Universidade de Brasília. 2009.

PELIZZARI, Adriana; KRIEGL, Maria de Lurdes; BARON, Márcia Pirih; FINCK, Nelcy Teresinha Lubi ; DOROCINSKI , Solange Inês. **Teoria da Aprendizagem Significativa Segunda Ausubel**. Rev. PEC, Curitiba, v.2, n.1, p.37-42, jul. 2001-jul. 2002

TACCA, Maria Carmem Villela Rosa ; REY, Fernando Luis González . Produção de sentidos subjetivos: a singularidade dos alunos no proceso de aprender. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 1, p. 138-160, 2008.

TACCA, M. C. V. R. (Org.) Aprendizagem e Trabalho Pedagógico. Campinas, SP: Alínea, 2006.



**Universidade de Brasília – UnB**

**Faculdade de Educação – FE**

**Departamento de Teorias e Fundamentos - TEF**

O presente questionário faz parte da pesquisa sobre **A Concepção dos Professores sobre a Subjetividade no Processo de Aprendizagem dos Alunos**, com a orientação da **Professora Dra. Teresa Cristina Siqueira Cerqueira**, que tem como objetivo buscar compreender como os professores concebem a subjetividade de seus alunos no processo de aprendizagem.

É importante salientar que seus dados **NÃO** serão divulgados na presente pesquisa, apenas as respostas sem identificação.

Caso tenha interesse em mais informações sobre a pesquisa favor enviar e-mail para [raissasilvap@hotmail.com](mailto:raissasilvap@hotmail.com). Teremos o prazer de lhe dar as informações desejadas sobre a pesquisa. Desde já agradecemos sua colaboração.

1 – Qual sua concepção de Subjetividade?

2 – Qual sua concepção de Aprendizagem significativa?

3 - Como você considera a Subjetividade dos seus alunos em sua prática pedagógica?

4 - Como você planeja sua prática pedagógica para uma aprendizagem significativa de seus alunos? Como você sabe que seus alunos tiveram uma aprendizagem significativa?



### Dados Demográficos

Sexo:

Feminino ( )      Masculino ( )

Idade: \_\_\_\_\_ anos

Renda Familiar: R\$ \_\_\_\_\_

Religião: \_\_\_\_\_

Estado Civil: \_\_\_\_\_

Filhos: \_\_\_\_\_

Grau de Formação: \_\_\_\_\_

Curso Superior: Sim ( )    Não ( )

Curso de Pós-Graduação: \_\_\_\_\_

Tempo de Atuação no Magistério: \_\_\_\_\_

**Agradecemos sua colaboração, que será de grande ajuda em nossa pesquisa!**